



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Maria Liosa Fernandes Sobreira
Tamara Aline de Souza Costa**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PARA
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE
E SUAS IMPLICAÇÕES PARA VIDA DOS/AS EDUCANDOS/AS.**

João Pessoa - PB

2014

Maria Liosa Fernandes Sobreira

Tamara Aline de Souza Costa

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PARA
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE
E SUAS IMPLICAÇÕES PARA VIDA DOS/AS EDUCANDOS/AS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de graduado
em Pedagogia pela Universidade
Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Fernanda Mendes Cabral A. Coelho

João Pessoa – PB

2014

S677i Sobreira, Maria Liosa Fernandes.

A importância da educação de jovens e adultos para construção da cidadania: reflexões sobre o trabalho docente e suas implicações para vida dos/as educandos/as / Maria Liosa Fernandes Sobreira, Tamara Aline de Souza Costa. – João Pessoa: UFPB, 2014.

108f.

Orientador: Fernanda Mendes Cabral A. Coelho

Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Trabalho Docente. 3. Cidadania. I. Costa, Tamara Aline de Souza. II. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 374.7 (043.2)

Maria Liosa Fernandes Sobreira

Tamara Aline de Souza Costa

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PARA
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE
E SUAS IMPLICAÇÕES PARA VIDA DOS/AS EDUCANDOS/AS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de graduado
em Pedagogia pela Universidade
Federal da Paraíba.

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Fernanda Mendes Cabral A. Coelho, Mestre em Educação.

Orientadora – UFPB/CE/DHP

Laura Maria Farias de Brito, Mestre em Educação.

Examinadora – UFPB

Maria Tereza Lira de Oliveira Chaves, Mestre em Educação.

Examinadora – UFPB/CE

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia ao meu querido e amado esposo e às minhas filhas Rebeca e Raquel Sobreira, que sempre me incentivaram a permanecer na caminhada.
Lísa

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai Francisco Vieira da Costa, minha mãe Raimunda Sonia Ferreira de Souza Costa, minha Avó Alice Maria da Costa foi meu alicerce durante toda essa trajetória, me deu todo apoio para minha formação acadêmica, meus irmãos e meu querido sobrinho.

Tamara

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente, que, no decorrer desse curso, esteve perto de mim em todo momento. Por seu cuidado, amor e refúgio em meio às dificuldades enfrentadas nesses anos, que me fortaleceu e me guiou até o fim. Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas, portanto, a Ele toda a honra.

Em especial, ao meu amado esposo, Marcos Sobreira, pelo apoio que sempre me dedicou, pelas noites de estudo e pela compreensão quando, muitas vezes, me tornei ausente como esposa.

As minhas lindas filhas Rebeca e Raquel Sobreira que sempre estiveram ao meu lado me ajudando e compreendendo a ausência da mamãe para estudar.

Aos meus pais, Maria Celina e Antônio Vison (in memoriam), pela vida e em especial a minha mãe, que nos momentos de necessidades sempre esteve presente apoiando, como também aos meus irmãos, Hilma, Willamys, Célio e Zildo Fernandes pelas dicas e orientações ao longo do curso.

Agradeço a querida professora e amiga Maria Tereza Chaves por ter contribuído de forma prazerosa na minha apresentação e a professora Laura Maria que através dela, no decorrer do curso, pude ter um conhecimento amplo da EJA.

Dedico com respeito e muito carinho à orientadora Professora Ma. Fernanda Mendes pelo irrestrito apoio a construção do presente trabalho, demonstrando plena capacidade técnico-profissional, compromisso, responsabilidade e, sobretudo, muita paciência no direcionamento de nossas dúvidas, mostrando sempre o caminho a ser tomado.

Não poderia também deixar de agradecer a Escola Internacional Cidade Viva, em nome do Pastor Sérgio Queiroz, por ter autorizado a realização do estágio no período de um ano e quatro meses, bem como toda comunidade escolar que além do acolhimento, me oportunizou aliar o conhecimento teórico a prática escolar.

E, por fim, dedico a todos os docentes da Universidade Federal da Paraíba e colegas de turma pelos ensinamentos e vivências no decorrer de todos esses anos.

Lísa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, seu fôlego de vida me foi o sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

Àos meus amados pais Francisco Vieira da Costa e Raimunda Sonia Ferreira de Souza Costa, pelo amor incondicional e pela paciência, por terem feito o possível e o impossível para me oferecerem a oportunidade de estudar em João Pessoa, longe deles, acreditando e respeitando minhas decisões e nunca deixando que as dificuldades acabassem com os meus sonhos, serei imensamente grata.

“In memoriam” minha irmã Alice Maria de Souza Costa, durante sua passagem aqui na terra, de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades durante essa trajetória, que falta você me faz, te amo.

À minhas irmãs Franciane de Souza Costa, Beatriz de Souza Costa e meu irmão Francisco Vieira da Costa Filho, que nos momentos de minha ausência dedicado ao estudo, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente, e meu precioso e amado sobrinho Francisco Vieira da Costa Neto melhor presente que Deus me concedeu.

À minha Coordenadora de trabalho Maria Aurizete Sales, que me ajudou durante o final do curso, me liberando nos horários de trabalho e sempre me aconselhando diante das dificuldades encontradas durante o percurso, serei eternamente grata.

À nossa orientadora, Prof. Ms. Fernanda Mendes, que acreditou no nosso trabalho, que nos ouviu pacientemente e compartilhou conosco as suas ideias, conhecimentos e experiências e sempre nos motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão, por ser uma profissional extremamente qualificada e pela forma humana que conduziu nossa orientação.

À todos os familiares, minha avó, tios, tias e primos que torceram e acreditaram na conclusão deste curso, fico muito grata.

Aos amigos de turma “É uma festa” pelas agradáveis lembranças que serão eternamente guardadas no meu coração, muito obrigado.

Tamara

Que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha. Mas isso não será possível se continuarmos bitolando os alfabetizandos com desenhos pré-formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para seguir, com histórias que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende.

(FUCK, 1994, p. 14 - 15).

RESUMO

A educação deve possibilitar a inclusão social e a formação crítica dos educandos, fazendo-os compreender seus direitos de cidadania, nesta perspectiva, o objeto de pesquisa investigado compreende a análise da importância da Educação de Jovens e Adultos para construção da cidadania, considerando o trabalho docente e suas implicações para a permanência dos educandos na escola e para mudança de vida dos educandos. Neste contexto, elegemos como principal questionamento: Qual a influência do trabalho docente para a permanência dos jovens e adultos na escola e suas implicações práticas para a vida cotidiana dos educandos e para formação da cidadania? A pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre o trabalho docente desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos e suas implicações para a vida e para a construção da cidadania dos/as educandos/as, bem como, investigar as práticas educativas dos/as educadores/as da EJA no cotidiano da sala de aula destacando suas concepções teórico-metodológicas e conhecer as implicações da EJA no cotidiano dos educandos a partir de suas histórias de vida, sobretudo no que concerne à conquista da cidadania. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa do tipo exploratório-descritivo de caráter qualitativo, cujas análises foram fundamentadas na Educação Popular e Problematicadora de (FREIRE, 2000), (TORRES, 2000), (GADOTTI, 2000), além das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos e a LDBEN – 9.394/96 e de outras legislações educacionais vigentes. Os sujeitos da pesquisa foram 05 (cinco) alunos e 01 (uma) professora da EJA do Ciclo I do ensino Fundamental. Os instrumentos utilizados foram: pesquisa bibliográfica, observação participante e não participante. Os resultados da pesquisa apontam que o método freireano de educação é muito mais que uma proposta sistematizada de alfabetização, busca na sua essência promover uma educação conscientizadora do indivíduo, tornando-o cidadão, capaz de construir sua própria história. No entanto, a educação desenvolvida na sala da EJA tem pouca articulação com a formação de consciência crítica e política dos educandos, as propostas de educação problematicadora não são utilizadas, o que vemos são métodos tradicionais de ensino focado na mecanização do ensino com o único objetivo de ensinar a ler e escrever. A formação continuada na EJA torna-se importante no sentido de trazer ao educador/a dessa modalidade, conhecimentos do campo específico que o possibilitarão a construção de uma consciência crítica não somente em relação aos conteúdos que irão transmitir, sobretudo, na formação do pensamento consciente e reflexivo que irão promover aos educandos, contribuindo assim, para formação de sujeitos crítico e conscientes de seus direitos de cidadania.

Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos. Trabalho Docente. Cidadania.

ABSTRACT

Education should enable social inclusion and the critical training of students, making them understand their rights of citizenship, in this scenario, the research object investigation comprises the analysis of the importance of the Youth and Adult Education for the construction of citizenship, considering the teacher's work and its implications for the retention of students in school so as to change the life of the student. In this context, we chose as the main question: What is the influence of the teachers job in keeping the interest of youth and adults in education and its practical implications for everyday life? The research had as its general objective to reflect on the teaching work in Adult Education and its implications for life and the construction of citizenship / the students / as well as investigation / educational practices / as educators in the everyday classroom, highlighting its theoretical and methodological concepts and understand the implications of adult education in the daily lives of students from their own experience, especially with regard to the achievement in society. The methodology, is based on the exploitative and descriptive research which has got qualitative character fundamentally based on Educação Popular e Problematizadora by (Freire, 2000), (Torres, 2000), (GADOTTI, 2000) and the National Curriculum Guidelines of Education for Youth and Adults and LDBEN - 9394/96 and other existing educational laws. The project included 05 (five) students and 01 (one) teacher in education of youngsters and adults Cycle of the Elementary school. The instruments used were: literature review, observation participant and non-participant. The survey results indicate that Freire's method is much more than just teaching literacy, it seeks in essence to promote awareness in education of the individual, making the student, able to build their your own history. However, education developed in the education of youngsters and adults room has little connection with the formation of critical and political consciousness of students, the proposed problem-based education are not used, what we see are traditional teaching methods focused on mechanization of education for the sole purpose of teaching reading and writing. Continuing education in adult life becomes important in bringing the educator / a modality that knowledge of the specific field that will enable the construction of a critical consciousness not only in relation to the content that will pass, especially in the formation of conscious thought and that will promote reflective learners, thus contributing to informing students of their social rights.

Keywords: Youth and Adult Education. Teaching Work. Citizenship.

LISTA DE SIGLAS

CONFINTEA	Conferência Internacional de Educação de Adultos
CPC	Centro Popular de Cultura
CEPLAR	Campanha de Educação Popular
CNE	Conselho Nacional de Educação
CEB	Câmara da educação Básica
CNER	Campanha Nacional de educação Rural
CNEA	Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo
CNBB	Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil
DEDS	Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável
EPT	Educação para Todos
LIFE	Iniciativa de Alfabetização para o Empoderamento
LDB	Leis das Diretrizes e Base da Educação Nacional
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MEC	Ministério da Educação
MEB	Movimento de Educação de Base
MCP	Movimento de Cultura Popular
ODMs	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
PNAC	Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PROEJA	Educação de Jovens e Adultos
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura
UNLD	Década das Nações Unidas para a Alfabetização

LISTA DE QUADROS E TABELAS

TABELA 1	Estrutura Física da Escola	47
TABELA 2	Corpo Docente da Escola Frei Albino	48
TABELA 3	Ciclos da EJA	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	MEMORIAL: RECORDAR VIVÊNCIAS E TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS	14
1.1.1	Memorial - Maria Liosa Fernandes Sobreira	15
1.1.2	Memorial - Tamara Aline de Souza Costa	17
1.2	PROBLEMATIZAÇÃO, OBJETO DE ESTUDO E COMPOSIÇÃO DA PESQUISA	18
2	CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	25
2.1	HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	25
2.2	POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	30
2.3	FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	34
3	CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	38
3.1	A EDUCAÇÃO POPULAR E SUAS REPERCUSSÕES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	38
3.2	CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	40
3.3	PRESSUPOSTOS DA EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA: PROPOSTA DE PAULO FREIRE	42
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	45
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	45
4.2	OS PROTAGONISTAS: HISTÓRIA DE VIDA, IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES NA EJA	52

4.3	A PROFESSORA DA EJA: SABERES E EXPERIÊNCIAS	59
4.4	DESENVOLVENDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA	64
4.5	A IMPORTÂNCIA DO/A EDUCADOR/A DA EJA PARA PERMANÊNCIA DO/A EDUCANDO/A NA ESCOLA	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICES	83
	ANEXOS	99

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo que enriquece e dignifica o ser humano. Através do conhecimento formamos concepções e ampliamos nossa capacidade de aprendizagem e desenvolvimento, conquistamos espaços na sociedade e transformamos os obstáculos em degraus que nos levam à autonomia no exercício da cidadania. Neste sentido, antes de iniciarmos a apresentação do nosso objeto de pesquisa, faremos uma breve apresentação da nossa trajetória de vida, destacando os desafios, as limitações, as conquistas, enfim, algumas recordações da nossa história social e educacional, para justificar a escolha do nosso tema e ampliarmos a dimensão do que vivenciamos ao longo desse processo educativo e ao final desta grande conquista que é a formação em nível superior.

1.1 MEMORIAL: RECORDAR VIVÊNCIAS E TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS

Consideramos o ato de recordar como relevante no sentido de considerar subjetividades e contextos na formação e compreensão do sujeito como um ser social, que produz e reproduz culturas, conhecimentos e emoções através de experiências individuais e coletivas. Dessa maneira, resgatar a memória é reconstruir sentidos, revelar um espaço interpretativo de experiências emocionais, sociais, culturais e educacionais, cheio de expectativas e de situações que nos desafiam. De acordo com Silva (2010, p. 606):

Recordar as experiências vivenciadas no seio dos eventos das práticas discursivas da esfera acadêmica implica, da parte do produtor, um ato de reconhecimento do vivido, de reflexão sobre os objetos recordados, construídos discursivamente num quadro de significações (e sentidos) e engendrado na rede de atividades de socialização desse sujeito. Pelo trabalho com as memórias, pode-se recordar para elaborar, problematizar algo, para, numa relação intra-subjetiva, abrir espaços para (re)significações ou novos gestos de ler o mundo em questão.

A trajetória que compomos representa nossa identidade, revela a subjetividade formada a partir de concepções de vida e mundo, neste contexto, o processo educacional configura-se como ato transformador, construtor de significados, formador de opiniões, formador de cidadania. Portanto, através de nossas histórias, percebemos o importante papel da educação na vida do indivíduo, bem como, para sua afirmação, cidadania e autonomia. Nas próximas linhas, compartilharemos os momentos marcantes e significativos de nossa história de vida.

1.1.1 Memorial - Maria Liosa Fernandes Sobreira

Nasci na cidade de Uiraúna, sertão da Paraíba, no Sítio denominado “Moça Branca”, no início da década de 70, a caçula de uma série de 05 filhos, sendo 03 homens e 02 mulheres. Naquela época, as dificuldades já eram imensas, desde a distância da localidade, às condições de locomoção, de subsistência, enfim, dificuldades de toda ordem. Diante deste cenário tão complexo, meus pais sempre incentivaram e priorizaram a educação na vida dos filhos. Tive como primeiro professor meu próprio pai, com suas deficiências e carências, pois não tinha sequer o ensino fundamental completo e sua labuta era ligada à agricultura e ao comércio informal, igualmente como fora com meus outros irmãos, dada a ausência de estabelecimentos de ensino nas proximidades.

O que mais me impressiona é que ainda nos dias atuais, alguém que deseja ingressar numa escola tem que se deslocar à área urbana da cidade de Uiraúna, que fica a aproximadamente 10 quilômetros. Hoje fico a me perguntar, aquelas pessoas adultas, as quais sobrevivem da agricultura, em um árduo trabalho durante todo o dia, caso queiram estudar, se alfabetizar, crescer no conhecimento, como estão fazendo diante das dificuldades que certamente estão enfrentando em pleno século 21, com tanta tecnologia de ponta no mercado? São alguns questionamentos que costumo compartilhar com familiares.

Meus pais, percebendo que teriam dificuldade no item “educação dos filhos”, decidiram sabiamente deixar a agricultura, a propriedade, seus familiares a fim de buscarem novos horizontes na capital do Estado, a cidade de João Pessoa, isso já na metade da década de 70. Naturalmente as dificuldades também foram enormes, novas pessoas, *habitat* diferente, ou seja, a adaptação seria certamente o primeiro e grande

obstáculo que tínhamos de transpor. Contudo, o tempo fora passando e tudo ia se normalizando.

Fixando residência no bairro do Castelo Branco, juntamente com meus irmãos, fomos estudar em uma escola pública no mesmo bairro, ainda nessa época as dificuldades no aprendizado eram muito grandes, a falta de professor, a estrutura da escola precária e ainda as greves que tínhamos que enfrentar, ou seja, o processo de ensino e aprendizagem era deficitário demais.

Só no ensino médio fui ter acesso a uma escola particular de ensino técnico cujo financiamento se deu por meio de minha irmã, pois meus pais não tinham a menor condição para tal. Não obstante as tantas dificuldades, consegui concluir o ensino médio no tempo normal.

Com a chegada da maior idade, precisei trabalhar para ajudar nas despesas de casa, igualmente a todos os demais irmãos, e o tempo passou, contrai matrimônio e vieram minhas duas filhas, antes, porém, já havia tentado por algumas vezes ingressar na universidade pública, mas devido a minha base de ensino fundamental não ter sido boa, tive muitas dificuldades em passar no vestibular e ingressarem um curso superior, resolvendo então me dedicar inteiramente a trabalhos eventuais e ao meu lar, na educação de minhas filhas também. Falando na educação das filhas, fiquei muito focada em propiciar uma educação de qualidade, pois rememorava a todo instante as dificuldades quando por esse período passei.

Com o decorrer dos anos e quase duas décadas após ter concluído o ensino médio, fui motivada a fazer um curso superior, a estrutura familiar estava mais estabilizada, as filhas estudando em boas escolas, daí aceitei o desafio e com a graça de Deus iniciei o tão sonhado curso superior em uma universidade pública, fato que mais me alegra. Hoje, prestes a concluir, retorno às memórias e percebo o quanto cresci intelectualmente e o quanto tudo valeu a pena.

O curso me proporcionou uma grande visão de mundo, pois eram recorrentes durante as aulas os estudos dos teóricos da educação a exemplo de Paulo Freire, Gadotti, Vygotsky, Rubem Alves, as vivências e experiências dos professores e alunos, enfim, um curso que muito me acrescentou como pessoa, como afirma Paulo Freire (1996, p.76): “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. Foi nesse particular que percebi a possibilidade de pessoas adultas que não tiveram as mesmas condições que as minhas também de terem suas vidas transformadas através do conhecimento, além de recuperar o tempo perdido e possibilitá-las vislumbrar um

futuro melhor. Na verdade, transformar pessoas por meio do conhecimento é a função mais nobre da educação, daí a motivação para trabalhar a temática da educação dos jovens e adultos, que através do incipiente trabalho, pude perceber o quanto essa modalidade de ensino no Brasil ainda está fragilizada, com problemas que precisam ser urgentemente resolvidos. Mas, é preciso acreditar que a mudança é possível! Assim como mudei minha história através da educação, as histórias de muitos também poderão ser mudadas. Este é nosso compromisso, o de educar para transformação social, educar para cidadania.

1.1.2 Memorial - Tamara Aline de Souza Costa

Nasci em 07 de Maio de 1990 na cidade de Manicoré, no estado do Amazonas, quarta filha de uma série de 05 filhos, sendo 04 mulheres e 01 homem. Para minha família, as dificuldades naquela época eram muitas: localidade, locomoção, condições de subsistência, minha mãe era muito nova e não tinha apoio da família. Mesmo diante de tais circunstâncias, a educação foi prioritária para nós.

Meus pais são formados em nível superior, minha mãe é Psicopedagoga e meu pai é formado em Educação Física, depois de alguns anos que a situação financeira foi se estabilizando, meus pais se mudaram para município de Apuí- AM, as mudanças foram difíceis, novas amizades, *habitat* diferente, ou seja, a adaptação seria certamente o primeiro e grande obstáculo, enfim conseguiram aos poucos uma estabilidade melhor, lá comecei a estudar na Creche doce Lar irmã Inês, onde comecei a desenvolver as habilidades motoras, depois estudei o ensino fundamental na Escola Estadual Gilberto Mestrinho onde vivenciei muitas coisas boas e ensino médio até o 3º anos, na Escola Estadual Amazonino Mendes, na mesma cidade onde meus pais residiam, algumas situações da minha vida familiar, concomitantes à minha experiência escolar, ditaram muito da forma que passei a apreender as coisas na escola. Principalmente com a ausência dos meus pais a maior parte do tempo por causa do trabalho.

Rememorar a minha experiência escolar e seus entornos, me faz referenciar pessoas, grupos e acontecimentos que fizeram parte da minha trajetória. Nesse sentido, busquei traçar um fio condutor da história de minha vida que tivesse seu eixo no processo de formação escolar desde o ensino infantil até o final da graduação. No entanto, foi impossível construir um relato pessoal para atender a esses propósitos sem que pudesse embrenhar-me pelos contextos familiares, sociais e políticos em que me inseri durante o percurso da minha história.

No final de 2008, mesmo não sabendo o que queria cursar, fiz meu primeiro vestibular na Universidade Federal da Paraíba, na capital João pessoa, sem fazer cursinho e nenhuma preparação. Com fé em Deus e apoio da família felizmente passei na prova e comecei a cursar Pedagogia, o que me proporcionou várias aprendizagens e oportunidades novas, tornando-as indispensáveis durante minha aprendizagem. Finalmente chegou a parte tão esperada do Curso de Pedagogia, a prática. Os estágios constituem-se em uma experiência encantadora, onde foi possível perceber a grande responsabilidade de atuar como professora e que exercer esta profissão não é algo fácil como muitas pessoas acreditam.

Conclui meu estágio em Educação de Jovens e Adultos feliz, pois acredito que foi recíproco o carinho que estabeleci com os alunos. Esta modalidade de ensino, que vem progressivamente ocupando espaço, tem modificado o panorama educacional brasileiro e, ano a ano, milhares de jovens e adultos procuram a escola a fim de retomar os estudos antes interrompidos por vários motivos, pais e mães de família, que veem na escola a chance de adquirir conhecimentos que lhes propiciem auxiliar principalmente na educação dos filhos.

Enfim, nem pensava em ser professora, mas com o decorrer do curso, através dos conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória, pude compreender o mundo de forma diferente, cursar pedagogia me abriu várias portas e modificou meu olhar no que tange à sociedade e à importância da educação.

1.2 Problematização, Objeto de Estudo e Composição da Pesquisa.

O trabalho pedagógico direcionado aos jovens e adultos requer um olhar para além dos procedimentos técnicos de ensino, exige um compromisso com o desenvolvimento integral do indivíduo no sentido de reintegrá-lo ao meio educacional numa perspectiva de inclusão social.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino utilizada na rede pública brasileira que tem o intuito de inserir no sistema de ensino formal aqueles que perderam a oportunidade de se escolarizar na época própria, por arrimo ou por

inadaptação. Regulamentada pelo Artigo 37, da Lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispõem:

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (BRASIL, 1996, Art. 37).

Nesta perspectiva, os educadores da EJA precisam assegurar uma formação que considere o contexto e as necessidades dos educandos, garantindo-lhes preferencialmente uma educação coerente com as demandas da sociedade contemporânea e preparando-os para o mercado de trabalho.

Consequentemente, o processo de formação de educadores de EJA deverá considerar tais perspectivas e oferecer uma qualificação docente de qualidade, para que no decorrer de sua prática o educador consiga atingir os objetivos educacionais propostos para o trabalho com jovens e adultos promovendo aprendizagens e contribuindo assim, com a inclusão social dos indivíduos.

Nas últimas décadas, a sociedade brasileira tem sinalizado que a educação desde os pioneiros (1930) urge por mudanças. O analfabetismo no Brasil ainda é um grave problema que precisa ser resolvido. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura– UNESCO, no ranking mundial de analfabetos adultos o Brasil ocupa o 8º lugar: “O número de adultos analfabetos permanece no alto patamar de 774 milhões, com uma queda de 12% desde 1999, mas de somente 1% desde 2000.” (UNESCO, 2013/14, p. 10).

De acordo com o 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos (UNESCO, 2013/14), estima-se que apenas 29% dos países atinjam a universalização da alfabetização de adultos e o Brasil está distante desta estimativa. De acordo com o Programa Nacional de Amostra por Domicílio – PNAD, a taxa de analfabetismo brasileiro em 2012 era de 8,7%, onde a meta estabelecida pela UNESCO é de 6,7 até 2015. Portanto, muito distante de ser atingida.

Diante destes dados, torna-se fundamental discutir a formação e profissionalização do educador da EJA e a importância de uma prática educativa coerente e de qualidade para redução da taxa de analfabetismo no Brasil, consequentemente, favorecendo a permanência dos educandos na sala de aula.

[...] a educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (MEC/UNESCO, 2004, pp. 41-42).

Ainda que não seja uma questão propriamente nova, somente nas últimas décadas o problema da formação de educadores para a EJA ganhou dimensão mais ampla. Esse novo patamar em que a discussão se coloca relaciona-se à própria configuração do campo da Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, a formação dos educadores tem se inserido na problemática mais ampla da instituição da EJA como um campo pedagógico específico que, desse modo, requer a profissionalização de seus agentes.

A escola é lugar de concepção, realização e avaliação de projeto educativo, uma vez que necessita organizar seu trabalho pedagógico com base em seus/suas educandos, pois, ao mesmo tempo em que usufruem de uma expansão da escolarização, experimentam também o acesso de forma desigual em função de suas idades, responsabilidades profissionais e familiares, bem como de suas condições de acesso e permanência na escola.

Daí a importância de conhecer a vida dos educandos e suas experiências de vida, no cotidiano de suas relações sociais e culturais para, a partir destas percepções, podermos construir um projeto de ensino que atenda suas reais necessidades. Muitos desses educandos que a escola recebe vivem uma trajetória escolar cheia de idas e vindas, alguns até mesmo frequentaram a escola quando criança e, por razões diversas, como: trabalho, falta de motivação e acabam abandonando os estudos e, depois de adultos, retornaram.

Consideramos que a defasagem curricular com prática desarticulada das reais necessidades de aprendizagem dos educandos, a precarização do sistema de ensino e incipiente falta de formação docente específica para atuar nessa modalidade são fatores que interferem na qualidade do ensino e na permanência e continuidade dos estudos, ocasionando altos índices de evasão. Dessa forma, superar essas questões no contexto atual é um desafio para o educador que se vê impedido de realizar um trabalho proveitoso que possibilite a relação teoria e prática visando um trabalho diferenciado e eficiente.

Pesquisas sobre o ensino na Educação de Jovens e Adultos no Brasil apontam que os desafios enfrentados pelos educadores são vários, desde a falta de capacitação e formação para trabalhar com EJA até a própria falta de estímulo dos educandos. Também ressaltam a falta de material didático adequado, tendo em vista que, geralmente, os materiais disponíveis são, em sua maioria, infantilizados. (FERREIRA, 2013; SANTOS, 2010).

De acordo com Ferreira (2013), o educador da EJA precisa trilhar um caminho que motive os educandos a gostarem dos conteúdos que precisam ser ensinados na sala de aula, isto requer um esforço pessoal do educador em propiciar um ensino dinâmico, visto que, o indivíduo nessa etapa da vida acumula experiências e aprende com os próprios erros e acertos. Todavia, os caminhos que possam propiciar essa aprendizagem para os jovens e adultos não é garantia de que esses educandos vão efetivamente se engajar nos processos de escolarização, porém, a falta de motivação certamente incidirá numa educação apenas aspirante, sem avanços e correndo o risco do abandono.

Conforme Santos (2010), é necessário criar condições favoráveis para o processo de aprendizagem na EJA, pois os educandos precisam, fundamentalmente, de um ambiente estimulador que os motivem ao conhecimento e os façam perceber a importância da educação para a conquista da cidadania. Dessa forma, o próprio docente deve buscar entender a realidade de seus alunos, ou seja, fazer uma análise crítica dos contextos culturais, históricos e sociais desses sujeitos, para poder planejar de forma eficiente suas metodologias, de forma que facilite o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA.

De acordo com Ferreira (2013), em pesquisa realizada na Escola Estadual Isabel Oscarlina Marques, Vila Velha/ ES, a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos está relacionada à má gestão e à falta de medidas e ações pedagógicas que evitem e/ou diminua a evasão. Destaca também que a equipe pedagógica da escola, apesar de ser qualificada, não desenvolve nenhum tipo de intervenção pedagógica junto aos educandos, deixando a responsabilidade unicamente com o educador.

Nestas perspectivas, o objeto de pesquisa investigado compreende a análise da importância da Educação de Jovens e Adultos para construção da cidadania, considerando o trabalho docente e suas implicações para a permanência do educando na escola e para mudança de vida dos educandos. Nossa pesquisa pretende dialogar acerca desta temática, buscando responder alguns questionamentos que se fazem necessários: Que concepções de ensino permeiam as práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA?

Qual a influência do trabalho docente na permanência dos jovens e adultos na escola? Que implicações práticas para a vida cotidiana dos educandos e formação da cidadania estão relacionadas com os ensinamentos recebidos na EJA?

Partimos das hipóteses que o papel do educador da EJA é fundamental para a permanência dos jovens e adultos no processo de escolarização, bem como, para a formação da consciência crítica, mudança de vida e exercício da cidadania dos educandos.

De acordo com os pressupostos anteriormente destacados e das questões de investigação, traçamos o seguinte objetivo geral: refletir sobre o trabalho docente desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos e suas implicações para a vida e para a construção da cidadania dos educandos. Tal objetivo desmembra-se em três objetivos específicos: Investigar as práticas educativas dos educadores da EJA no cotidiano da sala de aula, destacando suas concepções teórico-metodológicas; Conhecer as implicações da EJA no cotidiano dos educandos a partir de suas histórias de vida, sobretudo no que concerne à conquista da cidadania; Destacar a importância da EJA para a construção da cidadania e autonomia dos educandos motivando-os a permanecerem na escola.

Cientes da importância de uma pesquisa acadêmica e científica, procuramos cumprir os itens que permeiam uma investigação, ou seja, sua originalidade, relevância, adequação, possibilidades de execução e tempo suficiente para tal investigação, dessa maneira, metodologicamente identificamos este estudo como uma pesquisa de campo do tipo exploratório-descritiva, de caráter qualitativo, cujos procedimentos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, com procedimentos específicos para coleta de dados como entrevista semiestruturada, aplicação de aulas utilizando o método freireano de ensino e a observação participante e aplicação de questionário. (MARCONI e LAKATOS, 2010). O campo de pesquisa investigado foi a Escola Municipal Frei Albino, localizada no bairro do Bessa, na cidade de João Pessoa - Paraíba. Os sujeitos da pesquisa foram 05 (cinco) estudantes e 01 (uma) professora de EJA, do Ciclo I do Ensino Fundamental.

Os instrumentos utilizados foram: pesquisa bibliográfica realizada em livros e repositórios digitais, observação direta e indireta, entrevista semiestruturada com os educandos e com a professora, além da aplicação de aulas utilizando o método freireano de ensino. Também, foi realizado o levantamento de dados sobre a estrutura física e técnico-pedagógica da escola. Para análise dos dados utilizamos o método dialógico

entre os dados empíricos coletados a fundamentação teórica que está baseada nas contribuições sobre Educação Popular e educação que venha a problematizar Paulo Freire (1979, 1987, 1992, 1996, 1975, 2002), Torres (2000) e Gadotti (2000), nas atribuições, abrangências e exigências da EJA de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (LDBEN, Lei nº 9.394/96); Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos (Parecer CNE/CEB nº 11/2000); Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos. (Resolução CNE/CEB nº 1/2000 e CNE/CEB nº 23/2008).

Neste sentido, buscaremos através desta pesquisa incitar práticas educativas conscientes com o verdadeiro papel do educador para a formação crítica e o exercício da cidadania destes jovens e adultos tão sedentos de conhecimento e com tão poucas exigências devido às suas histórias de sofrimento e pobreza.

Este Trabalho de Conclusão de Curso encontra-se estruturado em cinco capítulos assim discriminados:

No primeiro capítulo apresentamos a trajetória pessoal e acadêmica das pesquisadoras com o intuito de demonstrar a importância do processo educativo para a formação da cidadania, bem como a justificativa que demonstra as reais necessidades da execução da pesquisa destacando informações relevantes acerca da Educação de Jovens e Adultos e suas implicações na vida dos educandos; a problematização do fenômeno e a delimitação do objeto apresentada junto com a indicação de literatura, consulta contendo resultados de outras pesquisas realizadas no campo da EJA, em seguida, elencamos os objetivos e método.

No segundo capítulo destacamos o histórico da Educação de Jovens e Adultos no contexto da educação brasileira, ressaltando a função social da EJA, as políticas públicas e as premissas da formação de educadores para EJA. Também discutimos a relação educador-educando e realizamos um resgate sobre a relação da Educação de Jovens e Adultos com os movimentos sociais, ressaltando a importância destes movimentos para a visibilidade da EJA, bem como, para constituição da Educação Popular.

No terceiro capítulo, destacamos as contribuições teórico-metodológicas de Paulo Freire para Educação de Jovens e Adultos, ressaltando as concepções de escola, ensino e aprendizagem, bem como, suas colocações sobre a formação da consciência crítica nos indivíduos para o exercício pleno da cidadania.

O quarto capítulo é composto pelos procedimentos da pesquisa, indicando as análises dos dados coletados em diálogo com a fundamentação selecionada. Este capítulo contempla a importância do educador da EJA para permanência do educando na escola, caracterização dos sujeitos da EJA: educador e educando; metodologias utilizadas pelo educador e desenvolvimento de práticas pedagógicas fundamentadas nas contribuições freireanas.

O quinto finaliza a pesquisa apontando as considerações finais sobre o fenômeno investigado enfatizando as necessidades, os avanços e os desafios do ensino na EJA. Por fim, o apêndice apresenta o material produzido para coleta dos dados, bem como, as entrevistas realizadas durante a pesquisa no campo de estágio.

Portanto, este trabalho procura relacionar fatos da realidade escolar a partir de relatos de vida dos educandos e das observações realizadas durante a pesquisa de campo, com o intuito de ressaltar a importância do educador para a permanência do educando na escola, conseqüentemente, para a formação da consciência crítica e o exercício da cidadania destes sujeitos.

Como educadoras progressistas preocupadas com a qualidade no ensino, temos o compromisso de respeitar as especificidades e individualidades da comunidade escolar, fazendo com que a pesquisa apresente efetivamente os dados empíricos resguardando a legitimidade e veracidade dos fatos.

Através deste estudo pretendemos colaborar com a disseminação de uma educação comprometida com a transformação social que assegura a formação da consciência crítica dos sujeitos, bem como, que estimula sua participação cidadã na sociedade atual.

2 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Neste capítulo apresentamos o percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos – EJA, destacando as principais ações no cenário das conferências nacionais e internacionais e em seguida, apontamos as políticas públicas implementadas no Brasil com o intuito de erradicar o analfabetismo e garantir educação para todos em cumprimento da legislação de educação brasileira. Além disso, explanamos a função da EJA e as adaptações necessárias para formação dos professores para atuarem nessa modalidade de ensino.

2.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos é uma atividade antiga, foi uma das primeiras intervenções da educação formal no Brasil, realizada pelos jesuítas, em 1549, que oferecia aos nativos o contato com as letras, com a língua portuguesa, com o novo modelo de trabalho e de crença religiosa. (PAIVA, 1987). Desde sempre a Educação de Jovens e adultos esteve ligada ao mundo do trabalho, mesmo quando essa forma de educação não era nomeada com este nome.

Porém, em se tratando da efetivação da Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino no Brasil, pode-se afirmar que seu início ocorre concomitantemente ao surgimento das diversas concepções pedagógicas e das políticas públicas que, ao longo dos anos, tiveram como objetivo aplicá-las nas práticas educativas, com o intuito de combater o analfabetismo no país e possibilitar o acesso à escolarização de jovens e adultos, criando-se assim a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

As primeiras escolas brasileiras para adultos datam dos anos 1920. Foram criadas com o objetivo de formar mão de obra que atendesse aos imperativos da urbanização e da industrialização crescentes. Com a Constituição de 1934, o ensino primário de adultos tornou-se dever do Estado, ao qual cabia assegurar um lugar para a educação desse segmento da população no sistema público. (PAIVA, 1987).

Em meados do século passado, mais da metade da população brasileira era analfabeta. Para o enfrentamento desse quadro, o governo federal lançou, em 1947, a primeira campanha Nacional de alfabetização de Adultos. As metas da campanha eram ambiciosas. Esperava-se alfabetizar os estudantes em tempo médio de três meses, por meio de uma cartilha que constituiu o primeiro material didático para adultos no país. A campanha não deu certo, sendo extinta no final dos anos 1950, sendo as propostas inadequadas ao público da EJA. (PAIVA, 1987).

Dos anos 1960 aos dias atuais, o modelo pedagógico freireano tem inspirado educadores e especialistas em Educação de Jovens e Adultos das classes populares, orientada pelo ideal de transformação de sua condição de vida. A Educação de Jovens e Adultos é conhecida como educação popular. (GADOTI, 2000).

O método Paulo Freire foi adotado no Plano Nacional de Alfabetização lançado pelo governo federal em 1963. Seu propósito era promover a alfabetização como apoio de organizações sociais e da igreja. Entretanto, o plano foi precocemente interrompido pelo golpe militar de 1964 e pela repressão aos programas de Educação Popular. Em seu lugar, o governo militar instituiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, (HORIGUTI, 2009).

O campo de educação de adultos passou a constituir, então, uma entre as muitas ações voltadas à legitimação do regime. O propósito de conscientização das ações educativas foi abandonado, e os canais de participação social, fechados. Com isso, seu foco voltou a ser a formação de mão de obra que atendesse às demandas do mercado de trabalho e do modelo econômico vigente.

Nesse mesmo cenário, em 1971, ocorreu a regulamentação do então chamado Ensino Supletivo. Seu objetivo era repor a escolaridade que não havia acontecido na faixa etária considerada, na época, “apropriada à aprendizagem”. (HORIGUTI, 2009).

Com a abertura política, o MOBRAL foi extinto, e o campo da educação de adultos experimentou um movimento de recuperação de legados da Educação Popular, com intenso apoio da sociedade civil. A participação dos movimentos sociais no debate sobre as políticas públicas para a educação de adultos foi decisiva para que a Constituição de 1988 garantisse o ensino gratuito a todos os brasileiros, inclusive aos jovens e adultos. Com esse propósito, o atendimento da rede pública foi ampliado, embora a questão dos recursos destinados ao setor jamais tenha abandonado a pauta dos debates.

Visando intervir positivamente nos problemas relacionados à Educação, a UNESCO realiza em Jontaiem - Tailândia, março de 1990, a *Conferência Mundial sobre Educação para Todos* e estabelece na plenária de encerramento a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990), onde, em seu preâmbulo apresenta algumas constatações:

- a) mais de 100 milhões de crianças, das quais pelo menos 60 milhões são meninas, não têm acesso ao ensino primário;
- b) mais de 960 milhões de adultos, dois terços dos quais mulheres são analfabetas e o analfabetismo funcional é um problema significativo em todos os países industrializados ou em desenvolvimento; mais de um terço dos adultos do mundo não tem acesso ao conhecimento impresso e às novas habilidades e tecnologias, que poderiam melhorar a qualidade de vida e ajuda-los a perceber e a adaptar-se às mudanças sociais e culturais; e
- c) mais de 100 milhões de crianças e incontáveis adultos não conseguem concluir o ciclo básico e outros milhões, apesar de concluí-lo, não conseguem adquirir conhecimentos e habilidades essenciais. (UNESCO, 1990).

Portanto, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos dá satisfação sobre as necessidades básicas de aprendizagem e aprova o Plano de Ação que estabelece metas e prazos para o cumprimento desta declaração. A declaração compreende os seguintes Artigos:

Artigo 1 - satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem

Artigo 2 - expandir o enfoque

Artigo 3 - universalizar o acesso à educação e promover a equidade

Artigo 4 - concentrar a atenção na aprendizagem

Artigo 5 - ampliar os meios de e o raio de ação da educação básica

Artigo 6 – propiciar um ambiente adequado à aprendizagem

Artigo 7 - fortalecer as alianças

Artigo 8 - desenvolver uma política contextualizada de apoio

Artigo 9 - mobilizar os recursos

Artigo 10 - fortalecer a solidariedade internacional. (UNESCO, 1990).

Justamente nesta década de 1990 que os índices de analfabetismo tiveram uma queda importante, porém a evolução do analfabetismo não foi suficiente para que o Brasil cumprisse a meta estabelecida no prazo de 10 anos, como assegura o documento,

que era reduzir o analfabetismo em relação aos índices de 1990 em 50% até o ano 2000. (UNESCO, 1990).

Percebe-se que os esforços da UNESCO são visíveis no combate ao analfabetismo e é nesse sentido que surgem as Conferências Internacionais de Educação de Adultos – CONFITEAS, eventos de maior envergadura internacional desta modalidade educacional. As CONFITEAS ocorreram em 1949 na Dinamarca; em 1960 no Canadá; em 1972 no Japão; em 1985 na França; 1997 em Hamburgo na Alemanha e em 2009 no Brasil na cidade de Belém/Pará. O Brasil foi o primeiro país do hemisfério sul a sediar uma CONFITEA.

Na Alemanha, a V CONFITEA proclamou o direito de todo ser humano ter acesso à educação ao longo da vida e discutiram as práticas de avaliação da situação educacional desenvolvida nos programas de educação escolar de jovens e adultos, além das atividades socioculturais, de formação para a cidadania, qualificação e atualização para o trabalho e geração de renda, promovidas por órgãos governamentais e não governamentais. A partir desta realização, a EJA passou a se constituir em um dos principais meios para o enfrentamento dos problemas do analfabetismo e do grande contingente de pessoas sem escolarização, visando alfabetização de jovens e adultos, o desenvolvimento de competências essenciais à profissionalização, ao trabalho e à participação cidadã, contribuindo assim para a melhoria das condições de vida no mundo.

Após seis anos, no período de 6 a 11 de setembro de 2003, foi realizada a avaliação da V CONFITEA, na Reunião de Revisão Intercalar da V CONFITEA, momento em que também, foi planejada a “Agenda para o Futuro”, que trata do direito à educação ao longo da vida, em Bangkok, Tailândia. Nesta avaliação foram constatados alguns avanços no que tange às metas e aos objetivos estabelecidos em Hamburgo, apesar da precariedade dos dados existentes e da fragilidade dos processos avaliativos. Entretanto, foi muito baixa a representatividade de delegações oficiais no evento, apenas 50 países. Este fato evidenciou o descaso com a educação de jovens e adultos no mundo. (UNESCO/BRASIL, 2004).

A educação de adultos pode modelar a identidade do cidadão e dar um significado à sua vida. A educação ao longo da vida implica repensar o conteúdo que reflita certos fatores, como idade, igualdade entre os sexos, necessidades especiais, idioma, cultura e disparidades econômicas. Engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou

informal, onde pessoas consideradas "adultas" pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. (Declaração de Hamburgo, 1997, p.1).

O governo brasileiro esteve presente na reunião de avaliação da V CONFINTEA e da “Agenda para o Futuro”, onde estabeleceu como prioridade em suas ações futuras e objetivos concretos para 2009: “Assegurar a todos os brasileiros de 15 anos e mais, que não tiveram acesso à escola ou dela foram excluídos precocemente: o ingresso, a permanência e a conclusão do ensino fundamental com qualidade.”. (UNESCO/BRASIL, 2004).

O Acordo de Dacar (2000) assina o compromisso com seis metas que devem ser alcançadas até 2015, são elas: os países devem expandir cuidados na primeira infância e educação, universalizar o ensino primário, promover as competências de aprendizagem e de vida para jovens e adultos, reduzir o analfabetismo em 50%, alcançar a paridade e igualdade de gênero e melhorar a qualidade da educação. (UNESCO, 2001).

Neste cenário, percebe-se que os desafios são consideráveis, pois, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2011), dos dez países com o maior número de adultos analfabetos, o Brasil ocupa a oitava posição:

Com 2,9 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais, o Brasil é o oitavo país do mundo com maior taxa de analfabetismo entre adultos, de acordo com dados do 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos, divulgado nesta quarta-feira pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Entre 2000 e 2011, essa taxa caiu 1%. O número de adultos analfabetos em 2011 era 774 milhões e a projeção é que até 2015 esse número caia para 743 milhões. (NOTÍCIAS. TERRA, 2014).

Em abril de 2009, foi realizada a VI Conferência Internacional de Educação de Adultos – CONFINTEA VI, com o tema: “Vivendo e aprendendo para um futuro viável: o poder da aprendizagem e da educação de adultos”, reunindo cerca de 1.500 participantes, de 156 Países-membros, em Belém do Pará, durante quatro dias. Nesta ocasião, a Educação de Adultos foi declarada como uma ação de urgência, com um apelo diretamente aos governos para cumprirem a agenda de educação e as metas de alfabetização determinadas em Dacar, no ano 2000. O Marco de Ação de Belém teve os seguintes objetivos:

Impulsionar o reconhecimento da educação e aprendizagem de adultos como elemento importante e fator que contribui com a aprendizagem ao longo da vida, da qual a alfabetização constitui alicerce;
Enfatizar o papel crucial da educação e aprendizagem de adultos para a realização das atuais agendas internacionais de desenvolvimento e de educação: Educação para Todos (EPT), Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), Década das Nações Unidas para a Alfabetização (UNLD), a Iniciativa de Alfabetização para o Empoderamento (LIFE), e Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS); e
Renovar o compromisso e o momentum político e desenvolver os instrumentos para sua implementação visando passar da retórica à ação. (UNESCO VI CONFITEA, 2009).

Algumas medidas foram estabelecidas durante o Marco de Ação de Belém, adotado após extensivas negociações durante a CONFITEA VI. O documento aprovado considera “a alfabetização como base da aprendizagem ao longo da vida” e “parte irrefutável do direito à educação”, e apela para que se “redobre os esforços a fim de reduzir o analfabetismo em 50% - em relação aos níveis de 2000 - até 2015”. (UNESCO, 2009).

No entanto, apesar destes números, não podemos negar as ações e tentativas desenvolvidas no cenário brasileiro a fim de resolver os problemas relacionados à educação de adultos ao longo da história, algumas apontaremos a seguir.

2.2 Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos

No percurso final da década de 1950 aos dias de hoje vários foram os programas implementados no sentido de promover a alfabetização de adultos. Alguns destes programas tinham na alfabetização seu único intento, porém outros objetivavam a formação de consciência crítica, política e cidadã, assim como, existiam programas com caráter assistencialista e direcionados para a promoção dos ideais políticos e econômicos de cada época. De acordo com o site do Ministério da Educação – MEC, os movimentos em prol da EJA foram:

Campanha Nacional de educação Rural (1952);

Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958);

Movimento de Educação de Base – MEB (1961 aos dias atuais);

Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (1961);
Movimento de Cultura Popular do Recife (1961);
Movimento de Cultura Popular – MCP (1960 a 1964);
Centro Popular de Cultura – CPC (1961 a 1964);
Campanha de Educação Popular – CEPLAR (1961 a 1964);
Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler (1961 a 1964);
Centros Populares de Cultura (1961 a 1964);
Movimento Brasileiro de alfabetização – MOBREAL (1967 A 1985);
Fundação Nacional para Educação (Fundação Educar), em substituição ao MOBREAL (1985 a 1990);
Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania – PNAC (1990);
Programa Alfabetização Solidária (1997 aos dias atuais);
Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA (1998 aos dias atuais);
Programa Brasil Alfabetizado (2003 aos dias atuais);
Fazendo Escola (2005);
Programa de Integração da Educação Profissional ao ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA (2005 aos dias atuais);
Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM (2005 aos dias atuais).

Alguns programas objetivam o processo de alfabetização, outros objetivam uma continuidade dos estudos, há aqueles que primam pela construção de uma consciência crítica e a qualidade de vida dos educandos, pois todos visam a inclusão dos indivíduos jovens e adultos por meio da educação.

Os programas de alfabetização de jovens e adultos, sua organização e funcionamento, seus conteúdos e abordagens devem estar ancorados nas necessidades dos sujeitos que mesmo não tendo domínio da leitura e da escrita, vivem num mundo regulado pela linguagem oral, visual, escrita, enfim, se comunicam através dos símbolos e dos contextos presentes em seu dia a dia, criando formas alternativas de linguagem.

As diferenças também abrangem os ciclos de vida - juventude, maturidade, velhice; as identidades - de gênero, de geração, étnica, cultura. Os jovens e adultos trazem vivências, construções culturais e ideológicas, ocupam papéis sociais distintos e participam de práticas sociais diversas, o que influencia diretamente no modo como se desenvolvem na alfabetização. Enfim, as necessidades de aprendizagem, bem como, as

necessidades do exercício da cidadania, devem ser objetivas da Educação de Jovens e Adultos.

A Lei nº 9.394/96 em seu capítulo II, seção V, Art. 37 afirma que a EJA é também compreendida como parte integrante do ensino fundamental e médio.

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§1º: Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§2º O Poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola. (BRASIL, 1996).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA – Parecer 11/2000 CNE/CEB, foram criadas para que se efetivasse a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, que contempla a Educação de Jovens e Adultos, considerando a educação como direito social à cidadania. Nesse sentido, a lei determina:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos culturais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais [...] Art. 4º. O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: VII. Oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996).

Em função do cumprimento das leis superiores, o Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de educação Básica (CEB), por meio do Parecer nº 11, de maio de 2000, e da Resolução nº 1, de 5 de julho de 2000, estabelecem nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA e a reconhece como:

[...] uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais na escola ou fora dela [...] em que a ausência de escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado com inculto [...]. (BRASIL, 2000).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos também regulamentam: “[...] os princípios da contextualização e do reconhecimento de identidades pessoais e das diversidades coletivas constituem-se em diretrizes nacionais dos conteúdos curriculares” (BRASIL, 2000, p. 61).

Salientamos que as políticas públicas direcionadas à EJA devem ser vistas sob a ótica de um direito, um meio de promoção da igualdade social e não como uma forma de sanar débitos da sociedade para com aquelas que não tiveram acesso à leitura e escrita na idade apropriada. Ao Estado cabe interferir através de políticas públicas na tentativa de sanar as desigualdades sociais. Contudo, estas políticas devem superar a visão de imediatistas e assistencialistas, como bem explicitam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Nesta conjuntura, a Constituição da República Federativa do Brasil afirma, em seu artigo 205, que a finalidade da educação é fomentar o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” e a LDB, em seu art.2º, corrobora essa afirmação. “Percebemos assim que os mecanismos jurídicos confirmam a educação de Jovens e Adultos passou a fazer parte constitutiva da Lei de diretrizes e Bases, tornou-se modalidade da educação” (BRASIL, 2000, p.30), houve um avanço expressivo com relação ao seu prestígio social.

A Educação de Jovens e Adultos, no contexto social, é promotora da equidade através da alfabetização dos sujeitos, visto que vivemos em uma sociedade em que a leitura e a escrita se fazem extremamente importante para o desenvolvimento das relações sociais. Contudo, ressaltamos que a ausência de leitura e escrita não significa ausência de conhecimento de mundo, a saber, as manifestações culturais e práticas sociais. Além do que, a alfabetização não é a única finalidade da EJA, esta também se refere à formação de consciência crítica e cidadã, à inserção do sujeito no mercado de trabalho e à consciência do indivíduo de sua participação na sociedade.

Tendo em vista que os sujeitos da EJA já se evadiram da escola uma primeira vez, a sua reinserção neste meio não pode ser negada, principalmente por se tratar de um direito público. Neste sentido, além das características exigidas de qualquer docente, o educador da EJA apresentará uma metodologia diferenciada (porém não infantilizada) para trabalhar com essa modalidade de ensino, pois:

[...] os jovens e adultos alfabetizando já foram desrespeitados uma vez quando teve seu direito a educação negada. Não podem agora, ao retomar sua instrução, serem humilhados mais uma vez por uma

metodologia que lhes nega o direito de afirmação de sua identidade, de seu saber, de sua cultura (GADOTTI, 2003, p.6).

Portanto, apesar das conquistas quanto ao aumento do atendimento aos jovens e adultos e dos programas e políticas públicas inseridas no Brasil, a elaboração da Proposta Pedagógica das escolas que oferecem EJA e das Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos ainda enfrentarão grandes obstáculos para atingir as metas estabelecidas, principalmente em se tratando da diminuição do analfabetismo em 50 %, tendo em vista as dificuldades enfrentadas no interior das escolas que abrangem problemas de aprendizagem, evasão escolar e falta de financiamento adequado à EJA.

O compromisso da Educação de Jovens e Adultos vai além do ato de alfabetizar, envolve aspectos ideológicos, formadores de opinião, construtores de cidadania, nesta perspectiva, as concepções de ensino devem estar pautadas em métodos e abordagens que considerem as características, as subjetividades e os contextos em que os educandos apresentam, portanto, no próximo capítulo explanaremos as contribuições teórico-metodológicas da Educação Popular no contexto da Educação de Jovens e Adultos, ressaltando as concepções de escola, ensino e aprendizagem a partir dos pressupostos e concepções de educação em Paulo Freire (1979, 1987, 1992, 1996, 1975, 2002), bem como, suas colocações sobre a formação da consciência crítica nos indivíduos para o exercício pleno da cidadania.

2.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O reconhecimento do direito à educação para todos, criou demandas específicas para formação de professores: “[...] Vê-se, assim, a exigência de uma formação específica para atuar na EJA”. (SOARES, 2008, p.61), no entanto, parafraseando Carvalho (2011, p. 207), precisamos questionar:

[...] O que ensinar e como desenvolver o ensino? Como se desenvolve o processo ensino aprendizagem do adulto “analfabeto”? Quem é o adulto “analfabeto”? Como deve ser a relação educador educando no processo de alfabetização de adultos? (Grifo do Autor).

Esses questionamentos nos levam a pensar em novas técnicas de ensino para facilitar o processo de alfabetização, simplificando o aprendizado na sala de aula da EJA. Em consonância com a LDBEN nº 9394/96, Artigo 37, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade da educação básica “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. A EJA tem como finalidade “[...] o desenvolvimento da autonomia dos educandos, a sua preparação para o mundo do trabalho e para o prosseguimento nos estudos, assim como o compromisso com a formação humana dos mesmos.”. Além da elevação do nível de escolaridade da população, segundo o Art. 22 da LDBEN nº 9394/96.

Esse cuidado com a Educação de Jovens e Adultos, trazida pelas leis nacionais, encontra-se também registrado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (2006). Sobre isso, o art. 5º, inciso III, afirma que o egresso do curso de Pedagogia deve estar apto a “[...] fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização da idade própria”. (BRASIL, 2006, p.02).

No entanto, vemos que mesmo reconhecendo que se deve fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens das pessoas do Ensino Fundamental, não há nestas Diretrizes Curriculares, destinadas ao curso de Pedagogia, uma descrição do perfil do educador da Educação de Jovens e Adultos. Essa indefinição do perfil do educador abre a possibilidade de, no Curso, investir-se muito mais na formação de educadores para anos iniciais do ensino fundamental, tendo como foco as idades da infância e da adolescência, sem a devida atenção aos que procuram a escola em outras fases da vida.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que deve ser pensada de forma diferente das outras modalidades educacionais. São sujeitos que, nas últimas décadas, tiveram o acesso garantido às políticas educacionais, mas não tiveram a possibilidade da permanência, isso devido a vários fatores econômicos, sociais e culturais que interferem direta ou indiretamente no processo acadêmico e educacional.

A Formação dos profissionais da EJA muitas vezes está relacionada à ausência de uma formação específica nos cursos de graduação. Trabalhar com jovens e adultos se exige bastante, além de uma formação adequada ao nível superior, como uma formação continuada, com cursos e capacitações para se trabalhar com os mesmos, ser educador da EJA não é para qualquer profissional da educação. Precisa-se ter um perfil adequado porque a metodologia tem de ser diferenciada, como a relação professor e aluno. Cabe

ao professor dominar seus conteúdos, como produzir tais metodologias em sua prática, de tal modo para que compreendam sua pertinência, e tornar-se capaz de construir seus próprios conhecimentos. O método de Paulo Freire visa a libertação e dá muito significado a relação professor aluno, uma relação autêntica de diálogos.

O Educador deve ter uma compreensão que os educandos da EJA possuem suas próprias visões de mundo, sobretudo um entendimento e um saber produzido nas culturas e nas relações sociais que ele estabelece no mundo em que vive. Neste sentido, Freire (1996, p.05) afirma que o educando.

[...] problematiza e toca o educador, aponta para a dimensão estética de sua prática que, por isso mesmo, pode ser movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão do sonho, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber da competência.

Paulo Freire (2002) propõe que a EJA aconteça na prática do cotidiano e na acumulação de saberes dos educadores, porém, nesse sentido, há uma separação evidente entre o mundo acadêmico e o da escola, o que faz com que o conhecimento gerado nas pesquisas conduzidas pelos educadores na escola nem sempre seja respeitado e/ou considerado pelos pesquisadores acadêmicos.

Freire (2002, p. 11) afirma também que “o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer”. Ele prossegue dizendo que:

[...] o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente.

A formação do docente que atua na EJA só acontece de maneira mais significativa após a graduação, uma vez que poucas são as universidades que oferecem uma formação inicial específica para os que já trabalham e/ou queiram trabalhar nesta modalidade de ensino com tamanhas especificidades. Assim sendo, a formação do docente que não ocorre nessa modalidade de ensino e vai se concretizando, isso se dá nas escolas por meio da formação continuada e todos os atores participantes do ato

educativo podem interferir direta e positivamente na qualidade e na consecução desse processo formativo.

A escola encarrega-se de desenvolver ações educativas enquanto cumpre suas funções que, na atualidade, vão além da tarefa de educar e ensinar. Se nas escolas regulares isto é complexo, como será nas escolas que oferecem a EJA, onde as especificidades se fazem presentes de maneira mais evidente? De acordo com Freire, a convivência com os educandos da EJA reforça a necessidade de uma prática pedagógica centrada na compreensão e no respeito à pessoa e aos saberes que a cotidianidade lhe proporciona.

Dessa forma, a prática educacional ligada a métodos utilizados nas outras modalidades de ensino e até mesmo através de discussões relacionadas à necessidade de uma avaliação do sistema de ensino formal, é o que Arroyo (2005, p. 44) afirma:

A superação de estruturas e lógicas seletivas, hierárquicas, rígidas, gradeadas e disciplinares de organizar e gerir os direitos ao conhecimento e à cultura é uma das áreas de inovações tidas como inadiáveis. Nesse quadro de revisão institucional dos sistemas escolares, torna-se uma exigência buscar outros parâmetros para reconstruir a história da EJA.

Por fim, a educação precisa formar o cidadão para o contexto social, possibilitar o senso crítico e produzir conhecimentos para a vida. Paulo Freire (2002), como intelectual transformador, procura tornar a escola de espaço privado para espaço democrático, sem distinção de classes. Na sua contribuição crítico-dialética, a escola é vista como espaço de contestação e de transformação da cultura dominante.

Corroborando, Gadotti (2003, p.4) afirma que: “a escola atual não foi pensada como Escola de EJA, [...] por isso, precisa preparar-se para facilitar o acesso e a permanência do adulto.”. Desta forma, consideramos que a escola pode e deve possibilitar ao estudante, por meio do processo de construção do conhecimento e do exercício da ação e reflexão, possibilidades de atuar frente à vida social de maneira construtiva, sendo pensada com e para jovens e adultos que tem expectativas e esperanças de uma vida melhor.

3 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Neste capítulo, destacamos as contribuições teórico-metodológicas da educação Popular, especialmente nas contribuições teórica e práticas de Paulo Freire para Educação de Jovens e Adultos, ressaltando as concepções de ensino e aprendizagem no processo de alfabetização, bem como, suas colocações sobre a formação da consciência crítica nos indivíduos para o exercício pleno da cidadania.

3.1 A EDUCAÇÃO POPULAR E SUAS REPERCUSSÕES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Inicialmente desenvolvida para “sanar” o problema do analfabetismo, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) promoveu campanhas e/ou movimentos de alfabetização, conduzidos por grupos da sociedade civil. Tinham como objetivo transformar a sociedade formando cidadãos a partir de sua integração com o meio/comunidade.

A Educação de Adultos num primeiro momento se constituiu como uma experiência e um modelo pioneiro de ampla extensão dos benefícios da educação aos setores populares da sociedade, conduzindo ações de “promoção humana”, que outros domínios de práticas sociais procuravam igualmente realizar, como problemas relacionados à saúde, alimentação, habitação, lazer, trabalho e comunicação. (Grifo Nosso). Também tinha a responsabilidade de integrar, pela primeira vez, os efeitos da educação ao trabalho organizado, motivado e comunitário do sujeito educado em atividades de desenvolvimento para a comunidade, a região, a zona rural.

Porém, considerando a trajetória política e prática da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, percebe-se que estamos longe de atingir as metas e os objetivos traçados no Acordo de Dacar (UNESCO, 2000/2001), que estabelece como uma das metas a redução do analfabetismo em 50%. Além disso, os problemas relacionados à

qualidade de ensino e à formação de professores para atuarem na EJA também tem apresentado déficit na estrutura curricular e nas articulações teoria-prática (FERREIRA, 2013; SANTOS 2010).

Neste contexto, surge a Educação Popular como um projeto próprio e uma prática militante cujas bases de referência são os movimentos sociais de vinculação popular e os próprios movimentos populares, oscilando entre a vocação populista e o compromisso de classe.

A Educação Popular pretende significar não apenas uma forma avançada de educação do povo, mas um movimento pedagógico e popular que incorpora um papel político, emancipatório e libertador. Propõe inicialmente uma teoria renovadora de relações entre homem, sociedade, cultura e educação. Realiza-se no domínio específico da educação com adultos das classes populares, em outras palavras, é um trabalho político de libertação popular, através da educação e dos efeitos de um trabalho conscientizador com sujeitos, grupos e movimentos de classes populares. De acordo com Brandão (1994, p. 48):

O que dá sentido político à educação popular é sua capacidade de não só comprometer-se como uma dimensão pedagógica de produção-circulação de saber necessário com os movimentos populares, mas a de reproduzir-se, ela própria, como um movimento pedagógico. Melhor ainda, como um movimento político de expressão pedagógica. Tudo isso junto permite acreditar que, mais do que um programa, a educação popular é uma presença.

Torres (1987) ressalta que um dos maiores dilemas da Educação Popular é que ela poderia trabalhar melhor para alcançar seus objetivos quando governos democrático-liberais estão no poder e direitos humanos básicos são respeitados, caso contrário, surgem inúmeras dificuldades em colocar uma abordagem antiautoritária direcionada e progressista.

Portanto, o drama da Educação Popular é político. É refletido nas dificuldades de implementação e combinação de ações espontâneas com liderança, associando assuntos pedagógicos com temas políticos, num amálgama coerente em consonância com o processo geral de transformação da sociedade.

Impossível pensar uma educação popular contemporânea para jovens e adultos sem trazer à tona as contribuições significativas de Paulo Freire, que pulsa no centro das concepções da Educação Popular, como uma prática educacional emancipatória, dialógica, libertadora, conscientizadora. De acordo com Gadotti (2007, p.3): “o núcleo

central da concepção neoliberal da educação é a negação do sonho e da utopia. Por isso, uma educação para outros mundos possíveis é, sobretudo, a educação para o sonho, uma educação para a esperança.”.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os relatos de Paulo Freire (1995) sobre a EJA apontam para as origens de sua própria vida, trazendo lembranças da sua infância brincando no quintal, com gravetos na terra, “à sombra da mangueira”, onde sua mãe, com amor, afeto, diálogo, troca e responsabilidade, o ensinou a ler a partir do seu espaço, do seu contexto. O carinho e o diálogo que nasciam ao lado da mãe mostram que o ensino e a aprendizagem são marcas afetivas que através da cumplicidade alfabetizam.

Esta intimidade levou Paulo Freire a alcançar algo universal – a educação questionadora, marca que vai influenciá-lo a elaborar todo seu trabalho. Da sua primeira escola também, ficaram boas recordações: “Minha prática dialógica com meus pais me preparara para continuar a vivê-la com meus alunos”. (FREIRE, 1995, p. 83).

A prática freireana vem como uma proposta que parte do estudo da realidade, que são o contexto e as experiências dos educandos para a elaboração e organização do ensino, que é de responsabilidade do educador. Nesse processo surge os Temas Geradores, esses extraídos do questionamento da prática de vida dos educandos.

Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica, dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas, despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada “invasão cultural” ou “depósito de informações” porque não emerge do saber popular. (FREIRE, 2007, Grifo do Autor).

Nessa perspectiva, o conteúdo e o ensino se estabelecem na horizontalidade onde juntos se posicionam como sujeitos do ato do conhecimento. Toda relação elimina-se de autoridade, uma vez que essa prática inviabiliza o trabalho de criticidade e conscientização. Segundo Freire (2007), o ato educativo deve ser sempre um ato de

recriação, de ressignificação de significados. O Método Paulo Freire tem como fio condutor a alfabetização visando à libertação. Essa libertação não se dá somente no campo cognitivo, mas, acontece essencialmente nos campos sociais e políticos.

O que existe de mais atual e inovador no Método Paulo Freire é a dissociação da construção dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita do processo de politização. O alfabetizando é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade. Enquanto aprende a escrever a palavra sociedade, o educando é desafiado a repensar a sua história.

É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente críticos e éticos. (FREIRE, 2007, p. 35.).

Essa reflexão tem por objetivo promover a superação da consciência ingênua – também conhecida como consciência mágica – para consciência crítica. (FREIRE, 2007). A proposta de utilização dessa metodologia na alfabetização de jovens e adultos é completamente inovadora e diferente das técnicas utilizadas, resultada de adaptações simplistas das cartilhas, com forte tônica infantilizante. É diferente por possibilitar uma aprendizagem libertadora, não mecânica, mas uma aprendizagem que requer uma tomada de posição frente aos problemas que vivemos. Uma aprendizagem integradora, abrangente, não compartimentalizada, não fragmentada, com forte teor ideológico. Dessa forma, o Método proposto por Freire rompe com a concepção utilitária do ato educativo, propondo outra forma de alfabetizar.

Porém, vale ressaltar que é importante a necessidade de recriação constante em toda e qualquer prática educativa, inclusive no método em questão, pois quem vem à sala de aula da Educação de Jovens e Adultos está aceitando ser alfabetizado e tem em torno dele todo um universo vocabular a ser compreendido.

A conscientização é fruto de um compromisso histórico, é ato de ação e reflexão, exigindo que os homens assumam o papel de sujeitos da história, que lutem pela sua existência, não se acomodando às condições em que se encontram; a conscientização convida o homem a assumir uma posição frente ao mundo. Sua proposta apresenta um enfoque político, relacionado à identidade cultural do alfabetizando no processo emancipatório de luta, na procura de diminuir o distanciamento cultural e social do

analfabeto, vivente de um mundo letrado, na busca de seu espaço por uma vida melhor, que minimize a violência cultural da exclusão, da discriminação, da opressão.

3.3 PRESSUPOSTOS DA EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA: A PROPOSTA PAULO FREIRE

A proposta Paulo Freire, inicialmente criado para alfabetizar adultos, pressupõe o diálogo entre educador e educando, o despertar e interesse do educando, a conscientização deste para inserir-se no mundo de forma crítica, a vocação do ser humano de ser mais, dentro de um contexto social em que convivem uma classe opressora e uma classe oprimida. E a libertação do homem enquanto ser oprimido seria via educação.

Não é possível se falar da compreensão de educação de Paulo Freire sem nos referirmos e nos determos numa parte intrínseca dela: o seu “Método de Alfabetização”. Esse vai além da simples alfabetização. Propõe e estimula a inserção do adulto iletrado no seu contexto social e político, na sua realidade, promovendo o despertar para a cidadania plena e transformação social. É a leitura da palavra, proporcionando a leitura do mundo. Suas ideias nasceram no contexto do Nordeste brasileiro a partir da década de 1950, onde metade dos seus 30 milhões de habitantes era de analfabetos, com predomínio do colonialismo e todas as vivências impostas por uma realidade de opressão, imposição, limitações e muitas necessidades.

Freire aplicou, pela primeira vez, publicamente, o seu método no Centro de Cultura Dona Olegarina, um Círculo de Cultura do Movimento de Cultura Popular do Recife – MCP, para discussão dos problemas cotidianos na comunidade de Poço da Panela. Dos cinco alunos, três aprenderam a ler e escrever em 30 horas, outros dois abandonaram o “curso”. A proposta de alfabetização de Paulo Freire é resultado de muitos anos de trabalho e reflexões de Freire no campo da educação, sobretudo na de adultos em regiões proletárias e subproletárias, urbanas e rurais, de Pernambuco.

No processo de aprendizado, os alfabetizados são estimulados a articular sílabas, formando palavras, extraídas da sua realidade, do seu cotidiano e das suas vivências. Nesse sentido, vai além das normas metodológicas e linguísticas, na medida em que propõe aos homens e mulheres alfabetizados que se apropriem da escrita e da

palavra para se politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo. O método Paulo Freire estimula a alfabetização/educação dos adultos mediante a discussão de suas experiências de vida entre si. Os participantes são da mesma experiência, através de tema/palavras geradoras da realidade dos educandos que é decodificada para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo. As experiências acontecem nos Círculos de Cultura.

Diante das experiências vividas e observadas em sua práxis, Freire (2011) entendeu que o próprio homem oprimido (e somente ele), participante de uma sociedade ideologicamente opressora, poderia se libertar.

Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente. (Prefácio. In: FREIRE, 2011, p. 11. Grifo do Autor).

O método pedagógico que viabiliza a referida “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1987) é todo pautado nessa premissa, em que o homem como ser social torna-se consciente de si mesmo, do seu entorno, das contradições em que vive e, de forma dialética, transforma-se e transforma a sociedade da qual faz parte. Esse dado processo de conscientização é algo coletivo, posto que o homem vive no mundo e com o mundo.

Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da ideia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber o seu método e o material da fala dele. (BRANDÃO, 1981, p.21).

A proposta de Paulo Freire é dividida em três etapas. Na etapa de Investigação, educando e educadores buscam, no universo vocabular dos educandos e da sociedade onde eles vivem as palavras e temas centrais. Na segunda etapa, a de Tematização, codificam e decodificam esses temas, buscando o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. No final, a etapa de Problematização, onde ambos buscam superar a primeira visão, denominada mágica, por uma visão crítica do mundo. (FREIRE, 1987).

Paulo Freire pensa e pratica uma proposta pedagógica que procura dar ao indivíduo a oportunidade de redescobrir-se através do próprio processo em que ele vai se descobrindo, manifestando e configurando seu próprio conhecimento, esse é o método de conscientização (FREIRE, 1987). Mas ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui coletivamente, é sempre, radicalmente, consciência do mundo.

O aludido método traz no seu bojo os conceitos de cultura e humanização porque entende que o homem é um ser social, cultural, inserido num mundo repleto de contradições, e, que o homem alijado do processo de alfabetização consciente e libertadora, é subjugado por uma classe dominante que o absorve, desumaniza e o exclui, vivendo numa sociedade que não é dele e nem foi feita para ele. (DESMARAIS, 2011, p.11).

Freire (1987) estimula a alfabetização dos adultos mediante a discussão de suas experiências de vida entre si, através de palavras presentes na realidade dos alunos, que são decodificadas para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo. Já naquela época defendia um conceito de alfabetização para além da decodificação dos códigos linguísticos, ou seja, não basta apenas saber ler e escrever, mas fazer uso social e político desse conhecimento na vida cotidiana. Por tudo isso a sua obra deve ser discutida e vista de forma profunda, discutida, analisada e praticada. Suas contribuições à sociedade brasileira devem ser estudadas por todos os pedagogos e por todos aqueles que se dizem comprometidos com o desenvolvimento da educação do país.

No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia da pesquisa composta pelo tipo, abordagem, campo, sujeitos, instrumentos e procedimentos desenvolvidos para obtermos dados necessários à compreensão do fenômeno. Em seguida, faremos o diálogo entre os elementos empíricos coletados juntamente com a fundamentação selecionada, compondo nossos resultados e discussões dos dados.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA.

Este capítulo compreende o desenvolvimento da pesquisa, caracterizando quanto ao tipo, abordagem, campo, sujeitos, instrumentos e procedimentos, bem como, apresenta as discussões acerca do objeto investigado buscando responder às seguintes questões: Que concepções de ensino permeiam as práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA? Qual a influência do trabalho docente na permanência dos jovens e adultos na escola? Que implicações práticas para a vida cotidiana dos educandos e formação da cidadania estão relacionadas com os ensinamentos recebidos na EJA?

Neste contexto, a pesquisa estabeleceu como objetivo geral refletir sobre o trabalho docente desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos e suas implicações para a vida e para a construção da cidadania dos educandos. Como objetivos específicos: Investigar as práticas educativas dos educadores da EJA no cotidiano da sala de aula, destacando suas concepções teórico-metodológicas; Conhecer as implicações da EJA no cotidiano dos educandos a partir de suas histórias de vida, sobretudo no que concerne à conquista da cidadania; Destacar a importância da EJA para a construção da cidadania e autonomia dos educandos motivando-os a permanecerem na escola.

Partimos do pressuposto de que o papel do educador da EJA é fundamental para a permanência dos jovens e adultos no processo de escolarização, bem como, para a formação da consciência crítica, mudança de vida e exercício da cidadania dos educandos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, porém, fazendo uso de dados quantitativos para uma melhor compreensão do objeto.

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GIL, 1991, p.46).

A pesquisa qualitativa é uma atividade da ciência que visa a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados. Segundo Minayo (1995), a pesquisa qualitativa é um fenômeno de aproximações sucessivas da realidade, fazendo uma combinação particular entre as teorias abordadas e os dados empíricos coletados durante a pesquisa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupou, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p.21-22).

Por outro lado, buscamos também quantificar alguns dados para tornar a realidade mais compreensível para o leitor. Numa abordagem quantitativa, tudo que pode ser mensurado em números, classificado e analisado, pode revelar dados reais.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Albino, situada na Av. Governador Argemiro de Figueiredo, nº 4455, na cidade de João Pessoa – Paraíba. De acordo com informações, a construção da Escola teve início na administração do Senhor Dorgival Terceiro Neto, ex-prefeito da capital e foi concluída e inaugurada no ano de 1975. A escola abrange uma área de 1.199,76m, com taxa de ocupação equivalente a 65,37%. A construção é feita de alvenaria, laje e piso em granito, toda revestida em cerâmica.

A escola recebeu o nome de Frei Albino em homenagem a um Frade Franciscano, denominado Frei Albino. Ele foi um educador por excelência que dedicou sua vida ao ministério e formação de jovens. Além de religioso, Frei Albino contribuiu para a renovação da igreja São Francisco de Assis. O prédio possui salas de aulas, sala de TV e vídeo, biblioteca, secretaria, diretoria, sala de serviço de apoio pedagógico, sala de computação, cantina com refeitório e os demais citados na tabela acima.

A escola está inserida no bairro do Bessa. A constituição inicial era de um conjunto habitacional para abrigar funcionários públicos do estado, na época de sua fundação em 1975, quando foi entregue à população para ser habitado. No bairro, as condições eram bastante precárias, não dispunha de infraestrutura, não tinha saneamento básico, não havia atendimento referente à saúde e nem transporte coletivo regular.

A escola ainda conserva traços do passado, mesmo com todo avanço da sociedade, pode-se perceber certo quadro de abandono por parte das autoridades educacionais do Estado, mas os aspectos físicos são inovadores, as carteiras são conservadas e novas, as aulas se mostram bem tradicionais, apesar do esforço das professoras de quererem fazer uma aula mais atrativa. A escola dispõe de merenda para os educandos.

O prédio possui 10 salas de aulas, 01 sala de TV e vídeo, 01 biblioteca, 01 secretaria, 01 diretoria, sala de serviço de apoio pedagógico, 01 sala de computação, 01 cantina com refeitório e os demais citados na tabela acima. A construção teve início na gestão do Prefeito Dorgival Terceiro Neto e concluída na gestão de Luiz Coutinho (1975), sendo inaugurada no mesmo ano.

Organizamos os dados relacionados à estrutura física, indicando as dependências e suas quantidades, bem como o estado de conservação e adequação. O estado de conservação refere-se à situação atual própria ou imprópria para o uso, e o estado de adequação refere-se às questões adaptativas referentes ao público atendido e atividade oferecida.

Tabela 1: Estrutura Física da Escola.

DEPENDÊNCIA	QUANTIDADE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ADEQUAÇÃO
Apoio Psicopedagógico	01	Bom	Satisfatória
Secretaria	01	Bom	Satisfatória
Diretoria	01	Bom	Satisfatória
Laboratório de Informática	01	Bom	Satisfatória
Sala do educador	01	Bom	Satisfatória
Pátio coberto	01	Bom	Satisfatória
Refeitório	01	Bom	Satisfatória
Cantina	01	Bom	Satisfatória

Almoxarifado	01	Bom	Satisfatória
Sanitários Funcionários	01	Bom	Satisfatória
Sanitários educandos/térreo	04	Regular	Insatisfatório
Sanitários/ 1º andar	02	Regular	Insatisfatório
Sanitário educandos/ 2º andar	02	Regular	Insatisfatório
Salas de aulas	10	Bom	Satisfatória

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola.

O corpo docente da EJA é formado por professores com nível superior, alguns já apresentando especializações. Segue abaixo tabela contendo a ordem das identidades dos educadores, seguida do sexo (F) feminino e (M) masculino, da formação acadêmica e da série/ciclo equivalente.

Tabela 2 : Corpo Docente da Escola Frei Albino

EDUCADOR (A)	FORMAÇÃO	CICLO
01 F	Licenciatura em Pedagogia/supervisão Escolar Licenciatura em História da educação Especialização em Psicopedagogia Mestranda em Interdisciplinaridade	I
02 M	Licenciatura em História/Ensino Religioso Especialização em História Da Paraíba	ALFA I, II, III, IV
03 F	Licenciatura em Informática	III, IV
04 M	Licenciatura em Geografia	III,IV
05 F	Licenciatura em Inglês	III
06 M	Licenciatura em Arte	ALFA I, II
07 F	Licenciatura em História	III, IV
08 F	Licenciatura em Português	III, IV
09 F	Licenciatura em Geografia	I
10 F	Licenciatura em Pedagogia/Orientação Supervisão Escolar Especialização em Psicopedagogia	I
11 M	Licenciatura em Ciência	III, IV

12 F	Licenciatura em Historia Especialização em Psicologia da Educação e Aprendizagem	II
13 M	Licenciatura em Educação Artística/ Arte Cênica e Musica.	III, IV

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola.

A Escola Municipal Frei Albino é mantida pela Prefeitura, onde atende alunos do ensino fundamental, apenas do primeiro ao quinto ano. Os horários de atendimento são manhã, tarde e noite; pela manhã e tarde são atendidos os alunos do ensino regular, que compreende o fundamental menor, na faixa etária correspondente.

No turno da noite são atendidos os estudantes da EJA. A escola conta com quatro turmas – salas com turmas de segundo e terceiro ano; São 13 professores, divididos entre as salas. Até a aplicação desta pesquisa, contabilizava-se cento e setenta e nove alunos matriculados, em média, 15 a 16 alunos por turma, de acordo com informações da direção da escola, destas matrículas efetuadas, noventa por cento dos alunos iniciam o curso, e apenas sessenta por cento conclui.

O perfil dos educandos desta escola é de pessoas que já possuem experiências de vida, gostam de discutir assuntos de diversas temáticas, estão buscando melhorar a qualidade de vida. A maioria são adultos, homens e mulheres, pouco jovens. A maioria dos homens trabalha em construções e algumas das mulheres são donas de casa, mães de família; outras estão no mercado de trabalho.

Seguem as séries, quantidade de turmas, turno e quantidade de alunos matriculados.

Tabela 3: Ciclos da EJA.

SÉRIE	Nº TURMAS	EDUCANDOS
Alfabetização	01	15
Ciclo I	01	15
Ciclo II	01	22
Ciclo III A	01	25
Ciclo III B	01	22

Ciclo III C	01	22
Ciclo IV A	01	29
Ciclo IV B	01	28
TOTAL GERAL	08	179

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola.

A escola possui 15 educandos matriculados na sala do Ciclo I da EJA, todavia, o número de frequência durante a realização da pesquisa era de 5 a 10 alunos por dia. Desta forma, os sujeitos da pesquisa foram cinco educandos da turma do Ciclo I do Ensino Fundamental do turno da noite, sendo 02 do sexo feminino e 03 do sexo masculino, além da professora desta mesma turma. Estes educandos foram selecionados a partir do critério de maior frequência durante o tempo de pesquisa.

Portanto, o que se verifica nesta escola é que o Estado aparenta estar fazendo seu papel, mas como o ensino fundamental é de competência dos municípios, esta escola, que está ainda sendo mantida pelo Estado, encontra-se como se estivesse em condições de desigualdade com as escolas do município.

A equipe da escola é excelente, os profissionais são formados, o espaço físico é adequado para os alunos. O que mais chama atenção é a falta de investimento nos repasses, o que ficou bem claro na fala da diretora é que não chega verba para melhoria do ensino, recebe livro didático, mas não recebe custeio.

A Direção da escola em resposta ao questionário, afirma que trabalha com Educação de Jovens e Adultos e que na escola tem currículo específico para essa modalidade de ensino. Informa ainda que a escola conta com turmas da EJA. Procuramos saber da diretora se ela considera a escola real ou ideal para estes educandos, sua resposta foi que, considera que a escola é real, faz parte da realidade dos alunos que ali estão; Quando questionada se a escola está fazendo o trabalho certo para esse público, a diretora acredita que sim, que a escola tem feito o melhor que pode.

Sobre a questão da evasão escolar na EJA, nesta escola, a direção percebe esse problema como necessidade que as pessoas têm de trabalhar, mas que todo ano, no início do ano, existem alunos na escola, porém, poucos concluem.

A evasão dos alunos sempre é assustadora, prejudicando o bom resultado do processo ensino aprendizagem. Por esse motivo a escola está sempre procurando desenvolver atividades motivadoras que despertem no educando a vontade de seguir em frente. Os professores trabalham bastante para que não chegue a esse ponto, através de

uma abordagem interdisciplinar, chamam a atenção dos Educandos para a importância da figura paterna no âmbito escolar, dando exemplo aos seus filhos, na maioria das vezes também alunos da escola.

Procuramos saber da equipe técnica sobre os conteúdos e material didático para EJA. A supervisora afirmou que tem conteúdo diferenciado dos que são para as crianças. Perguntamos sobre planejamento para EJA - tem planejamento para discutir os assuntos. Não tem nenhuma dificuldade para lidar com essa modalidade de ensino.

Sobre a questão de a equipe técnica seguir uma orientação para direcionar a EJA, a resposta foi não, mas quando questionado a respeito de quais orientações para este segmento nesta escola, a resposta foi que, há diálogo entre professoras e opinião dos coordenadores geral, percebe-se então que não há uma orientação de fora, mas que, dentro da instituição, circula uma comunicação para direcionar o ensino.

A supervisora afirmou que a instituição é preparada para atender às necessidades dos educandos, mas, não a todas as necessidades, devido à precariedade. Não existem muitos atrativos para os alunos, apenas as aulas, pois para estas já chegam cansados, e não dispõem de tempo para outras atividades, eles precisam muito das aulas para aprender a ler, a escrever e a dominar conhecimentos.

O objetivo da escola é oferecer elementos necessários à construção do perfil dos educandos da EJA. Para ser cidadão, no sentido literal da palavra, devemos ter ética e viver em uma democracia. E onde aprendemos na prática estes conceitos é na escola, local onde todos os dias somos colocados à prova. Sendo a escola um espaço de vivência, torna-se também o local onde os alunos podem discutir os valores éticos e morais que constituem toda e qualquer ação de cidadania.

A partir de conversas com alunos, professores, gestores e de experiências acumuladas durante nossa pesquisa, vimos quase que necessário oferecer elementos necessários à construção da consciência dos alunos. Isso significa mais um passo crucial no avanço da democracia na escola e na construção do exercício também na cidadania dos alunos. Visando um melhor entendimento do projeto pelos discentes, alguns conceitos e conteúdos, considerados temas transversais, foram trabalhados e discutidos com os alunos.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: observação indireta e direta, entrevista semiestruturada, intervenção didática e aplicação de questionário. O primeiro contato na escola foi com a diretora para pedir-lhe permissão e apresentar o projeto da pesquisa. A diretora prontamente autorizou e nos encaminhou para a professora de EJA,

que também se disponibilizou a colaborar com a pesquisa. Em seguida fomos apresentadas aos educandos que, timidamente, aceitaram participar da pesquisa para a entrevista no horário da aula. As respostas dadas pelos educandos nessa entrevista foram organizadas de forma fácil e coesa.

Logo em seguida, iniciamos o processo de observações não participante, que compreende a ação passiva do pesquisador, ou seja, neste procedimento, o pesquisador:

Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 176).

Consideramos este procedimento importante no sentido de perceber a relação educadora e educando, suas cumplicidades, os sentimentos e os métodos utilizados. As observações duraram 15 dias. Logo após as observações realizamos intervenções didáticas como a segunda etapa de coleta de dados. Foram aplicados dois planos de aula, divididos em 5 dias letivos de 2 horas de duração cada, somando 10 horas de aula.

A terceira etapa contou com a participação da professora e dos alunos, onde foi realizada entrevista semiestruturada, com gravação de voz, no entanto, foi necessária a aplicação de um questionário, com perguntas fechadas. A escolha das duas técnicas se deu em função da pouca informação concedida pelos educandos, pois suas falas eram muito restritas e tímidas, dificultando análise e percepção das representações acerca do fenômeno.

Ao final dos procedimentos, iniciamos o processo de análise qualitativa e discussão dos dados empíricos à luz das fundamentações teóricas ora apresentadas.

4.2 OS PROTAGONISTAS: HISTÓRIA DE VIDA, IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES NA EJA.

A seguir serão apresentados os jovens e adultos que participaram do trabalho de pesquisa desenvolvido. Cada apresentação será contada na forma de uma história que constará dos seguintes tópicos: história de vida e escola, sentimento e emoção em

relação à sua vida, à escola e aos professores, o momento de retomada dos estudos e os planos para o futuro, seus projetos de vida.

Para coleta de dados aplicamos a técnica de entrevista semiestruturada, utilizando gravador de voz, no entanto, houve resultados mínimos para análise, pois os alunos têm dificuldades de conversar, sendo necessária outra forma de síntese desses resultados. Portanto, decidimos pela montagem de pequenos relatos de vida. As histórias foram montadas a partir das próprias falas dos sujeitos. (APÊNDICE C) Também utilizamos informações de conversas informais que sempre ocorriam durante o processo de observação, tendo em vista a timidez durante a tentativa de entrevista.

Embora os alunos tenham autorizado mencionar seus nomes, preferimos por colocar nomes fictícios a fim de preservá-los devido ao conteúdo relatado. Nos relatos, observam-se histórias tristes e privações materiais. Portanto, segue os pequenos textos das grandes histórias de vida:

José

José tem 45 anos e mora no Jardim Oceania com sua esposa e dois filhos. O casal trabalha, ele tem um carro que faz transporte alternativo e a esposa é diarista. Sempre que o encontrava na escola ele dava boa noite. Ele só chegou na escola este ano - 2014. José relatou que havia sido reprovado por faltas na alfabetização.

José considera sua história muito interessante, pois aprendeu a ler e escrever em casa, com sua tia, quando tinha treze anos. -“chorava... que ela tomava conta de mim né, minha mãe precisava trabalhar, aí tipo eu chorava em cima do caderno, dava um jeito de sumir com a borracha, quebrava o lápis pra não fazer...”.

Entretanto não sabe dizer o por quê nunca tinha ido à escola. -“Já era pra mim ter terminado os estudos faz tempo. [...] porque minha mãe trabalhava eu só via ela no final de semana, ficava com minha tia todos os dias..., então não sei o que aconteceu! Sei que eu...fiquei sem estudar e me atrasei muito!”.

A primeira vez que foi à escola já tinha quinze anos. Entrou no primeiro ano e estava feliz. -“Meu Deus! Chega com material novo assim, as roupas novas assim, vontade de conhecer o pessoal, o colega...”.

José diz que o fato de ser bem mais velho do que os colegas da sua sala não o incomodava. -“Só depois quando eu não entendia mais falava, que isso! os caras mais

novos do que eu, já tão acabando a tarefa e eu ainda to fazendo!” Entre o primeiro e o quinto ano houve várias paradas até decidir parar de vez.

- “Não sei se porque eu nunca tive interesse em aprender mesmo sabe? (...) No colégio nunca briguei, apesar de ser meio maloqueiro, assim... de ficar zoando, só brincando, mas brigar... nunca briguei, professor sempre respeitei muito. Tô atrasado de sei lá... por falta de interesse...” José retornou à escola este ano num momento que começa a se preocupar com o futuro dos filhos e necessita tirar uma carteira de motorista para manter a família com seu transporte alternativo. Ele afirma gostar do espaço escolar, faz muitas amizades e se diverte, fala gostar da professora da EJA, que ela é muito dedicada. -“O que sinto falta aqui na EJA é de um livro”, ele diz gostar mais de matemática. -“A professora sempre fala pra gente não desistir, nem que venha uma vez na semana, mas venha”.

Ângela

Ângela tem 33 anos e nasceu em Cajazeiras, interior da Paraíba. Quando os pais se separaram, ela teve que se mudar para João Pessoa, bairro do Bessa, onde mora atualmente.

Mora com o marido, a filha de três anos, todos moram no emprego do marido que é zelador de um condomínio. Ela trabalha no Condomínio também como diarista. Ela se considera uma “guerreira”. Ela diz que sempre teve vontade de estudar, mas não conseguia, pois ficou logo grávida e agora deixa a filha na creche e vai e trabalhar. À noite, estuda na EJA e o marido fica com a filha.

Ângela entrou desde o ano passado na escola, em 2013, e é muito esforçada na mesma, procura não faltar muito. Ela é comunicativa e sabe se expressar muito bem. É também um pouco desconfiada, dizia não confiar nas pessoas.

Até os onze anos, Ângela disse ser uma excelente aluna, bagunçava um pouquinho e às vezes tinha recebia reclamação de que falava muito, mas fazia as lições e gostava da escola e da professora. Um fato que a incomodava muito era os trabalhos em grupo. Dizia que estes nunca aconteciam em sua casa, pois morava em um barraco, no bairro dos Remédios ainda em Cajazeiras, e não tinha coragem de levar as amigas lá, pois tinha vergonha de onde morava.

Quando tinha uns treze anos, começou a “queimar aula”, -“Porque eu achava que os professores não gostavam de mim, daí sabe como é!”.

Conta que pegou raiva de matemática por causa de uma professora.

-“Eu escrevi um par de coisas, colocava uns números, aí ela falava e eu não entendia muito, que eu ficava no fundo da sala e ela tinha a língua presa, daí ela falava... sei lá... não conseguia entender nada da aula. Daí teve uma vez que ela me chamou na lousa, eu não queria ir, daí eu falei: Ah não professora, eu não sei fazer! Daí ela disse não! Vem aqui! Daí eu fui e pensei que ela ia me ajudar, daí ela me falou: resolve essa conta aqui. Eu não sabia fazer a conta, nem me lembro também da conta mais, não tava conseguindo resolver e ela “faz, faz” e toda sala olhando pra minha cara, uns rindo (silêncio). Nas aulas de matemática eu entrava depois da professora e com isso fui deixando de ir à escola. Depois de ter passado tanto tempo sem estudar agora pretendo terminar os ciclos da EJA, a professora dá muito conselho a gente e eu gosto desse estudo da EJA”.

Rodrigo

Rodrigo tem 17 anos e cursa o I ciclo da EJA. Mora numa comunidade próxima da escola, Jardim Gama, com sua avó e mais quatro pessoas, sendo ele e dois tios, uma irmã e uma tia. Com exceção da avó, que trabalha em uma creche da Prefeitura e ele, que começou a trabalhar recentemente pintando carros, ninguém mais trabalha na casa.

Segundo ele, simplesmente porque não querem trabalhar. Por este motivo e pela convivência difícil da família, Rodrigo está querendo morar sozinho. Rodrigo tem um filho, de menos de dois anos, que mora no Rio de Janeiro e o qual ele viu apenas no Natal. Na escola, é visto pelos colegas e professores como “bagunceiro”, “que não quer nada com a vida”.

Segundo ele mesmo, considera-se muito bem humorado, estava sempre com um celular que toca música em mãos, ouvindo num volume alto que podíamos saber quando ele estava chegando na escola. Estava sempre presente na escola, embora tenha encontrado ele na frente da escola. Começou a frequentar as aulas apenas no segundo semestre de verdade, quase não falta. Contudo parece ser desinteressado. É um rapaz bom e de história triste.

Rodrigo morou toda sua vida em Patos, Paraíba, com os avós paternos. Lá, entrou e saiu da escola várias vezes, -“eu começava a trabalhar e ia pra escola, aí eu

ficava cansado e desistia”. -“Aí terminava o serviço eu voltava de novo, aí aparecia outro serviço eu parava de novo”. Todas as vezes que voltou para a escola.

Rodrigo diz que foi por insistência dos avós, que alegavam que não queriam que ele fosse como eles, estudaram pouco e tiveram poucas oportunidades na vida. – “Se dependesse de mim, eu não voltava”, dizia ele. Até os treze anos, estudava a tarde e se considerava “o maior bagunceiro”:

-“Eu não tinha... até um tempo atrás eu não tinha uma mentalidade, pô! Não vou parar de estudar! assim... pensar no futuro. Só queria saber de zoar, bagunçar, não tava nem aí. Aí eu bagunçava dentro da sala de aula, repeti varias vezes”.

Com treze anos, Rodrigo já estudava à noite, no supletivo e seu relacionamento na escola, tanto com colegas quanto com professores, era complicado. -“[...] sempre brigava na escola... briguei muito, precisou varias professoras me segurar pra não brigar dentro da escola [...] o professor chegou perto de mim e mandou eu ir pra casa”.

Leandro

Leandro tem 40 anos e mora com a mãe, esposa e um filho de 5 anos, no bairro do Bessa, há poucos meses. Antes disso, morou por dez anos em Guarabira/PB, numa comunidade chamada Vila do Meio, existente naquela cidade. Leandro trabalha de pedreiro e, segundo ele, trabalha de “faz tudo” também. Vai ao banco, limpa, senta tijolo, pinta, atende telefone, entre outras coisas. Sua mãe é aposentada e ele é responsável por parte das contas da casa. No dia da entrevista, a mãe de Leandro estava no hospital, com ameaça de infarto, esperando um leito para ser operada e Leandro se revezava entre o trabalhar, continuar estudando e cuidar da mãe, da esposa e do filho. Diante de tantas ocupações, ele faltava muita à escola.

-“A escola da EJA hoje faz a gente refletir no que a gente fez de errado, é muito boa essa escola, a professora ajuda muito, só precisava de um livro de português pra gente não copiar do quadro!... Tive que voltar os estudos, sem estudo tá difícil, vou até o fim agora, to velho, é feio ser assim!”.

Leandro é um homem responsável e, desde o início, mostrou-se muito interessado na escola, pois para ele -“os estudos ajuda no salário”. Ele gosta muito das

aulas da professora de português, embora tivesse que enfrentar os problemas de sua vida, ele estava sempre de bom humor e como ele mesmo disse: -“Sou de bem com a vida!”.

Quando era criança, morou com uma tia e frequentava uma escola muito perto de sua casa. -“Então lá quando eu fiz o primeiro ano foi super bom né?”. Ao mudar de bairro e ir morar com a mãe, ele e o irmão ficaram uns dois anos ou três anos sem ir à escola, pois a mãe não tinha como levar para a escola e também passaram por sérios problemas financeiros. Leandro, com muita emoção, retornou à escola, -“eu ainda sinto vontade de estudar lá porque lá foi a escola pra mim [...] aprendi a ser um pouco de criança lá... me divertia...”. Essa fala revela o quanto Leandro teve poucos momentos para vivenciar sua infância.

Maria

Maria tem 45 anos, mora na casa da sogra no Bessa, com seu marido e seu filho de dois anos. -“Sou amasiada, há pouco mais de três anos” – disse ela para descrever sua relação com o marido. Maria atualmente não trabalha, pois não conseguiu vaga para o filho na creche perto de casa, embora tenha tentado muito. Disse estar esperando uma vaga em outra creche mais distante de casa. A casa é mantida pelo sogro, que trabalha numa corretora de imóveis e pelo marido, que faz serviços eventuais como pedreiro e pintor.

Maria frequentou a escola em todo o ano de 2013. Não tinha muitas faltas e, sempre que faltava, era por causa do filho. É uma aluna dedicada.

Quando criança gostava de ir à escola. Dizia ser um momento divertido onde eles brincavam, coloriam e as professoras davam às crianças muita atenção. Conta que sempre tirava notas boas e tinha facilidade para aprender, que era gostoso estar com as amigas, fazer trabalhos com elas e que se sentia incentivada pelos professores da escola.

Afirmou Maria: -“meu problema era ir para escola depois de um tempo [risos] entendeu?... assim..., na fase adulta”. Quando passou para o período da tarde, ela e os amigos “faltavam” aula para ir ao shopping perto da escola “comecei a faltar mesmo”, ai repeti de ano.”.

Ela pensava que os outros amigos já tinham terminado os estudos e ela não. A escola, menos atrativa do que as outras atividades, era trocada pelo namoro e pelo passeio. Acabou repetindo mais um ano. Foi quando Maria resolveu retornar à escola.

Vendo suas amigas que já estudaram e ela não, ela conheceu a EJA perto de sua casa. Maria é uma mulher dedicada à família e sabe da importância dos estudos na sua vida. Sobre a professora ela afirma:

-“a professora é muito boazinha, ensina bem [...], se pudesse ter a EJA à tarde pra mim seria melhor, como eu não trabalho seria mais fácil, pois tenho medo de sair de casa à noite, devido os assaltos aqui no bairro, meu marido vem me trazer e pegar toda noite. A EJA é uma mãe pra nós, só não termina os estudos agora quem não quer! Quando eu parar vou tentar conseguir um trabalho aqui perto de casa,

Portanto, os sujeitos adultos da EJA carregam saberes e vivências que precisam ser valorizados e considerados no contexto, como também nos procedimentos da escola. O processo de permanência depende da maneira pela qual este sujeito será acolhido e estimulado ao saber, daí a importância do papel do educador de EJA para a permanência do educando na escola.

Além das entrevistas semiestruturadas, decidimos aplicar um questionário, com o intuito de tentar perceber mais informações acerca do nosso problema de pesquisa: Que implicações práticas para a vida cotidiana dos educandos e para formação da cidadania estão relacionadas aos ensinamentos recebidos na EJA? Com isso, organizamos um questionário com perguntas fechadas e abertas para ver se os alunos ficavam mais à vontade para responder.

Na 1ª pergunta foi questionado se os educandos já haviam frequentado outra escola, 100% dos educandos respondeu que já foram frequentadores de outras escolas e decidiram parar os estudos devido às responsabilidades com a família e à falta de tempo, assim também como à distância de onde moravam para a escola mais próxima. Alguns moravam na zona rural, não tendo a disponibilidade de escolas no município. Interessante perceber que os motivos dos sujeitos femininos estão mais relacionados aos assuntos familiares, como cuidar de filho e das atividades domésticas. Já os motivos dos sujeitos masculinos estão relacionados à falta de interesse em estudar e à vontade e necessidade de trabalhar, iniciam suas profissões muito cedo na construção civil, daí, não dão a devida importância aos estudos.

Com relação ao que levou a procurar a escola novamente, obtivemos o seguinte resultado: todos escolheram a escola Frei Albino pela proximidade da residência ou local de trabalho e os motivos do retorno aos estudos estão relacionados às questões

financeiras, à vontade de ler e escrever, ao convívio com os colegas e ao ato de gostar do ambiente escolar, -“gosto da escola Frei albino”.

Questionamos se a escola oferecia espaço adequado para um bom aprendizado e se a educadora atendia às suas necessidades de aprendizagem. Os alunos apontaram falhas no material didático: -“poderia ter um bom livro de português e matemática para a EJA”. Isso revela que os materiais utilizados são incoerentes com a proposta de alfabetização de adultos. Sobre a professora, todos elogiaram seu trabalho e sua forma de se relacionar com os sujeitos. Todos pretendem concluir os ciclos da EJA.

Estes resultados mostram a carência de material e recurso didático para promover um ensino mais motivador. Além disso, revela a falta de articulação entre a formação educacional e a formação da consciência política para o exercício da cidadania. Não obtivemos em nenhum momento subsídios para comprovar a relação da educação com a cidadania. No entanto, os relatos indicam indiretamente que através dos estudos é possível “melhorar de vida”. Porém, isso não é o suficiente para garantir que esses sujeitos exerçam e exijam seus direitos na sociedade em que estão inseridos.

4.3 A PROFESSORA DA EJA: SABERES E EXPERIÊNCIAS

A professora da EJA tem 65 anos de idade, é casada, mãe de duas filhas e natural de João Pessoa-PB. É formada em Pedagogia, possuindo Especialização em Educação Especial e está cursando mestrado nessa área de atuação da EJA cerca de 2 anos.

Quando questionada sobre sua concepção acerca da Educação de Jovens e Adultos, a docente explica: -“A EJA é uma modalidade de ensino oferecida para aqueles não tiveram oportunidade de escolarizar-se na idade correta. Assim sendo, ela objetiva desenvolver o ensino fundamental para estas pessoas”.

Sobre a concepção teórica que embasa sua prática docente na Educação de Jovens e Adultos, ela afirma:

-“Eu acredito que ao ensinarmos jovens e Adultos nós não podemos estar presos a uma concepção específica, no entanto, acredito em um modelo de educação que considera as especificidades dos sujeitos, e articula teoria e prática dentro da sala de aula. As ideias de Paulo Freire sobre a condição humana de que seres inacabados refletem um

pouco da minha prática. Eu ensino, mas aprendo muito também todos os dias com meus alunos.”. (Professora).

A metodologia utilizada para a aplicação das aulas na EJA se dá, de acordo com a professora, da seguinte forma:

-“Nós utilizamos muito as rodas de diálogos, porque entendemos que nossos alunos produzem seu próprio conhecimento e ganham autonomia quando permitimos espaços pra conversas [...] Atualmente temos a sala de informática e a biblioteca que nos garantem diversificar nossa metodologia.”.

Sobre o planejamento das aulas, ela informou que se dá de acordo com a proposta anual que é realizada no início de cada ano letivo.

Ao questionar a professora sobre ensinar na EJA, obtivemos:

-“Um desafio. Mas ao mesmo tempo é algo que nos motiva. É preciso que estejamos sempre atentos aos conhecimentos prévios dos alunos, sabemos quais são seus maiores interesses, em seguida oportunizamos espaços como a biblioteca, trazemos textos pequenos para a sala de aula, mas também apresentamos o alfabeto, fazemos jogos com as palavras, e assim atribuímos sentido aos gêneros textuais, o que acreditamos, facilita o processo de alfabetização dos nossos alunos da EJA”.

Para finalizar, solicitamos à professora da EJA que elencasse alguns limites e/ou desafios que considerasse relevantes a sua condição de educadora. Para ela:

-“Acredito que a precariedade na educação em seu nível básico e na escola regular tem promovido o aumento de jovens na EJA, por serem pouco atrativas as aulas na educação regular estimulam a desistência de muitos. Se houvessem políticas públicas capazes de efetivar a alfabetização básica, nós talvez pudéssemos diminuir as demandas da EJA em nosso país. A formação de professores da EJA também precisa acontecer com maior rigor. Conheço alguns professores que não possuem habilitação para tal, e estão nas salas da EJA, isso enfraquece o ensino.”.

Nos dias em que estivemos na escola, poucos alunos compareceram. Daí perguntamos para a educadora sobre a frequência dos alunos, ela afirmou que:

-“a evasão infelizmente é uma realidade frequente na nossa escola, os alunos vêm apenas de segunda à quinta, sendo que na sexta feira eles precisam se deslocar para outra cidade e rever seus familiares, haja

vista que muitos moram no interior do estado e por isso não comparecem à escola na sexta-feira fazendo com que o restante da turma também não venha à aula.”. (Professora).

De acordo com Ferreira (2013), em pesquisa realizada na Escola Estadual Isabel Oscarlina Marques, Vila Velha/ ES, a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos está relacionada à má gestão e à falta de medidas juntamente com ações pedagógicas que evitem e/ou diminuam a evasão. Destaca também que a equipe pedagógica da escola, apesar de ser qualificada, não desenvolve nenhum tipo de intervenção pedagógica junto aos estudantes, deixando a responsabilidade unicamente com o educador.

As atividades desenvolvidas na sala de aula, em conjunto com a educadora, deixam claro que os alunos sozinhos não iriam ter um bom desempenho. Nesta perspectiva, Paulo Freire ressalta:

A atividade de leitura/escrita deve ter como base a leitura de mundo feita pelo educando e não a transmissão de conhecimentos. Portanto é necessário que esta atividade de leitura escrita seja dinâmica e realizada com a integração do sujeito no seu mundo social. Ele atribui à alfabetização a capacidade de levar o analfabeto a organizar seu pensamento, desenvolver a consciência crítica, introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e da libertação (FREIRE, 2000, p. 09).

Entendemos que é difícil traçar um perfil concreto para os educadores da EJA na educação atual, visto que as exigências necessárias encontram-se dentro de um contexto econômico, político e cultural em constante movimento e, todos os dias, apresentam um novo desafio educacional. Porém, há uma característica que sempre se fará presente nesses educadores: a necessidade de oferecer aos educandos da Educação de Jovens e Adultos uma educação dentro dos princípios da cidadania, tornando-os críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Essa modalidade de ensino é um marco importante para o crescimento intelectual dos educandos nessa faixa etária.

[...] a educação deve voltar-se para uma formação na qual os educandos/trabalhadores possam: aprender permanentemente, refletir criticamente; agir com responsabilidade individual e coletiva; participar do trabalho e da vida coletiva; comportasse de forma solidária; acompanhar a dinamicidade das mudanças sociais; enfrentar problemas novos construindo soluções originais com agilidade e rapidez, a partir da utilização metodologicamente adequada de

conhecimentos científicos, tecnológicos e sócios históricos. (KUENZER, 2000, p. 40).

O aprendizado dos educandos da EJA deve ser relacionado com as vivências do dia a dia de cada um, independentemente do que seja a temática trabalhada na sala de aula, pois precisa estar relacionada com o que os estudantes têm aprendido durante toda sua vida e utilizar como ferramenta para o ensino aprendizagem na escola.

A política da EJA deve representar uma promessa de qualificação de vida para todos, de todas as idades, na qual adolescentes, jovens, adultos e idosos possam atualizar seus conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas culturas. (FREIRE, 2000, p 33.)

Politicamente a escola de Jovens e Adultos não deve se preocupar apenas em alfabetizar, mas também em propiciar um processo efetivo de letramento que possibilite a reflexão e a conscientização para a reivindicação de uma educação comprometida com uma qualificação para a vida e como uma oportunidade para que educandos desenvolvam seu potencial; recuperem a autoestima; socializem seu saber e promovam mudanças no contexto de vida pessoal e social: “[...] os sujeitos da EJA se apoderam das ferramentas escolares necessárias para serem condutores da sua própria vida e do grupo social ao qual pertença.”. (FREIRE, 2000, p 34).

Nos dias atuais, as salas de aulas da educação de jovens e adultos têm apresentado um novo panorama. Diferentemente do período anterior a 1988, ano da Nova Constituição do Brasil, a educação de adultos era direcionada preferencialmente à alfabetização do adulto. Hoje, com a garantia de acesso à educação para todos, reafirmada na LDBEN/96, a educação, nessa modalidade de ensino, tem se ampliado até o ensino médio. No entanto, ao se pensar em práticas pedagógicas na EJA, é fundamental que sejam conhecidas as especificidades dos alunos atendidos por essa modalidade de ensino: quais são seus interesses, sua faixa etária, sua condição econômica.

Em função da multiplicidade de pessoas jovens e adultas componentes desse contingente, defrontam-se também com as múltiplas identidades e com as diversidades, próprias de quem já “viveu um pouco mais de tempo”, elementos importantes para pensar o processo de acolhimento na escola. Arroyo (2007) nos chama a atenção para essa perspectiva:

Não poderíamos deixar de tratar aqui sobre a questão da diversidade. O tema da diversidade é um tema posto na nossa sociedade com especial destaque em décadas recentes. Diversidade de gênero, de raça, de território, a diversidade. Diversidade que se converteu em diferenças e em desigualdades. Hoje os movimentos sociais trazem uma marca, a marca de afirmar os coletivos diversos. De defender a diversidade, de não querer anular suas diversidades em políticas de integração, em espaços amorfos, sem rosto, sem cor (ARROYO, 2007.p.18).

A diversidade em suas múltiplas dimensões, que tratada neste processo de investigação como especificidade, dá o tom das relações educacionais que se estabelecem na EJA, muito embora este “tom” seja cotidianamente camuflado quando os conflitos ocorrem e por não serem explicitados perdem, de certa maneira, suas potencialidades enquanto norteadores da construção do conhecimento. É imprescindível refletir sobre essas especificidades quando nos propomos a reflexão e a ação nesta modalidade de ensino.

Para a compreensão da identidade própria da EJA, há de se considerar as faixas etárias de seus educandos e seus perfis, adequando seu currículo em face de suas necessidades próprias. Para a caracterização desse universo, observa-se uma discrepância na definição dos educandos, referente ao componente faixa etária: a princípio, tem-se por definição da adolescência, quando o Estatuto da criança e do adolescente (ECA) Lei nº 8.069/90, em seu Art 2º, as pessoas com faixa etária entre 12 e 18 anos, ou seja, para fins da política da EJA, é vedada, em cursos de EJA, as matrículas e a assistência a crianças e adolescentes na faixa etária entre 7 (sete) e 14 (catorze) anos completos (Art. 8º, Resolução nº 01, 2000). Ao passo que esta mesma Lei – ECA- define o jovem como a pessoa com idade a partir dos 18 anos. Para ampliar essa discussão, tem-se outro segmento da população de presença predominante nas classes da EJA: são os adultos. (p.31)

Ainda referente às características dos educandos desta modalidade de ensino, é imprescindível a análise da forma como estes são vistos: de forma abstrata ou estereotipada. Eles precisam ser vistos como alunos reais e que, por motivos diversos, não puderam ingressar na escola formal ou como os que conseguiram tal ingresso e dela foram excluídos, não podendo dar prosseguimento aos estudos em tempo hábil. (p 32)

Precisamos lançar o olhar não somente para os que trabalham e são responsáveis pelo sustento das famílias, mas também para os desempregados, para os que nunca

conseguiram inserção na economia ou informal, para os marginalizados da sociedade, que, ainda segundo Oliveira (1999, p 62) são considerados como:

“[...] um grupo relativamente homogêneo no interior da diversidade dos grupos culturais da sociedade contemporânea”. Estes alunos trazem consigo o acúmulo de experiências e conhecimentos sobre as outras pessoas e, em relação à aprendizagem escolar, trazem também diferentes habilidades como, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem. (p 33)

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos precisam ser vistos como alunos reais e que, por motivos diversos, não puderam ingressar na escola formal; ou como os que conseguiram tal ingresso e dela foram excluídos, não podendo dar prosseguimento aos estudos em tempo hábil. Logo, para que se desenvolva uma sociedade justa e democrática e uma educação que corresponda aos anseios da sociedade contemporânea, urge a necessidade de formação de educadores que possuam alguns saberes fundamentais para a sua prática profissional. Como afirma KULLOK (2000. P. 43):

O professor do século XXI deverá ser capaz de adaptar-se às mudanças de trabalho com criatividade, com o novo, com as novas tecnologias, com os valores humanos, com a incerteza. Portanto, o professor que precisamos é alguém, que faça uso da reflexão como uma forma de ação.

Neste sentido, os docentes deverão ser dinâmicos, possuírem atitudes científicas, serem autênticos, gostarem do que faz terem bom humor, usarem metodologia flexível, serem ativos e estabelecerem uma atitude crítica e questionadora diante da realidade. À medida que os alfabetizados vão organizando uma forma cada vez mais justa de pensar, através da problematização de seu mundo, da análise crítica de sua prática, irão podendo atuar cada vez mais seguramente no mundo. (FREIRE, 1996, p.20).

4.4 DESENVOLVENDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA

A estrutura da escola é boa, com salas ventiladas e carteiras novas. Os alunos quando chegam às 18h30minh fica no pátio “merendando” (como eles falam), cada dia é um cardápio, às 19h15minh inicia-se a aula e aos poucos os alunos vão chegando. No

primeiro momento fizemos uma pequena apresentação antes de iniciar a aula, falamos para os educandos que éramos alunas de graduação e explicamos o motivo da pesquisa, pedimos que ficassem à vontade. A professora deu início à aula apresentando como sua aula estava planejada e o que estava ensinando aos seus alunos.

As observações inicialmente tinham a intenção de ser não participantes, porém, devido à carência e dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos alunos, em alguns momentos auxiliamos a professora dando suporte a alguns alunos da sala que tinham faltado às aulas anteriores, ficando atrasados em relação aos demais alunos. Ajudamos na sua atividade de português (hiato, ditongo, tritongo).

O material que é entregue aos alunos são folhas xerocadas, pois “o livro fornecido pela Prefeitura o nível é muito alto”, afirma a professora, neste momento verificamos o livro e comprovamos tal afirmação. Os livros apresentam textos complexos, porém, os alunos ainda estão sendo alfabetizados, alguns leem muito pouco. O material é muito pobre de figuras, não tem um colorido, muitos ainda não sabem retirar a atividade do quadro e a professora sozinha não consegue dar conta de acompanhá-los individualmente.

Percebemos que ela é muito organizada, mas a carência é muito grande do alunado. “Na verdade, os alunos querem só aprender a ler e escrever”, afirmou a docente. Então as disciplinas abordadas são apenas português e matemática, até o momento, na sala do ciclo I.

O que mais nos chamou atenção nas atividades dos estudantes é que eles não conseguem terminar nenhuma atividade indicada pela professora.

[...] a atividade de leitura/escrita deve ter como base a leitura de mundo feita pelo educando e não a transmissão de conhecimentos. Portanto é necessário que esta atividade de leitura escrita seja dinâmica e realizada com a integração do sujeito no seu mundo social. Ele atribui á alfabetização a capacidade de levar o analfabeto a organizar seu pensamento, desenvolver a consciência crítica, introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e da libertação (Freire, 2000, pág. 09).

As atividades de sala de aula devem se relacionar diretamente com as vivências do dia-a-dia do estudante da EJA, independente do que seja a temática ou atividades, por exemplo, textos, exercícios, músicas que fazem parte das culturas do cotidiano. Tudo precisa estar relacionado ao mundo do estudante dessa modalidade, para que o mesmo tenha um maior interesse e aproveitamento das atividades desenvolvidas.

É fundamental que os professores sejam capacitados para atuar nessa modalidade de ensino, conhecer o histórico da EJA e perceber como é fundamental considerar as culturas e contextos desses sujeitos. Após as observações, demos início ao processo de estágio didático, onde tivemos a oportunidade de ministrarmos aulas fazendo uso de estratégias diferenciadas de ensino. Optamos por utilizar o lúdico, que estimula os alunos para uma participação ativa na prática escolar, envolvendo-os em trabalhos bem elaborados e tornando-os independentes para perceberem seus potenciais, enquanto agentes participativos. Todavia, não um lúdico qualquer, mas o lúdico contido nas contribuições de Paulo Freire (1987), sobre Educação Problematizadora.

As aulas tiveram início às 19h e finalizavam sempre à 21h de segunda a sexta-feira. São 15 alunos matriculados, são alunos na faixa etária de 17 a 60 anos de idade, mas a frequência diária ficou entre 5 a 10 por noite.

Consideramos importante propor questões referentes ao uso correto da ortografia, dada a importância de se trabalhar o uso do Português baseado no método Paulo Freire. Dentro desse contexto, como instrumento de comunicação e pelo fato de sabermos da importância de usarmos corretamente nossa língua materna em produções escritas.

Assim, Freire (1978, p. 168) afirma:

A profissão do professor está situada exatamente entre o conhecimento sistematizado que a escola oferece e o aluno, portanto, se desenvolve nessa ponte representada na mediação entre o aluno e o saber, o ensino e a aprendizagem.

Deste modo, temos a consciência do nosso papel de favorecer o acesso dos alunos ao conhecimento científico e sistematizado, proporcionando sobre este, atos reflexivos e práticos.

Os alunos participaram satisfatoriamente, apesar das dificuldades em juntar as sílabas para formar as palavras; esforçaram-se para responder aos questionários da atividade aplicada.

Segundo Freire (1978), o ato educativo deve ser sempre um ato de recriação, de ressignificação de significados. O Método Paulo Freire tem como fio condutor a alfabetização visando a libertação.

Essa libertação não se dá somente no campo cognitivo, mas acontece essencialmente nos campos social e político. O que existe de mais atual e inovador no Método Paulo Freire é a indissociação da construção dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita do processo de politização. O alfabetizando é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade enquanto aprende a escrever a palavra sociedade; é desafiado a repensar a sua história.

Essa reflexão tem por objetivo promover a superação da consciência ingênua dos educandos, também conhecida como consciência mágica, para consciência crítica.

A proposta de utilização dessa metodologia na alfabetização de jovens e adultos é completamente inovadora e diferente das técnicas utilizadas, resultada de adaptações simplistas das cartilhas, com forte tônica infantilizante. É diferente por possibilitar uma aprendizagem libertadora, não mecânica, mas uma aprendizagem que requer uma tomada de posição frente aos problemas que vivemos. Uma aprendizagem integradora, abrangente, não compartimentalizada, não fragmentada, com forte teor ideológico.

Todavia, para efetivar uma educação comprometida com a realidade do educando no sentido de prepará-lo para a vida e para o mundo do trabalho, faz-se necessário uma educação conscientizadora para que o aluno possa, então, ser capaz de fazer sua leitura do mundo, com a mediação do educador. Dessa forma, o Método proposto para os alunos por Freire com a concepção utilitária do ato educativo propondo uma outra forma de alfabetizar.

Porém, vale ressaltar que, é importante a necessidade de recriação constante em toda e qualquer prática educativa, inclusive no método em questão. Foi muito gratificante conhecê-los, saber das suas histórias e dificuldades para chegarem até aqui, temos que agradecer ao ambiente escolar por nos receber e aos alunos por serem tão gentis e atenciosos conosco.

De acordo com Ferreira (2014), o educador da EJA precisa trilhar um caminho que motive os educandos a gostarem dos conteúdos que precisam ser ensinados na sala de aula, isto requer um esforço pessoal do educador em propiciar um ensino dinâmico, visto que, o indivíduo nessa etapa da vida acumula experiências e aprende com os próprios erros e acertos. Todavia, os caminhos que possam propiciar essa aprendizagem para os jovens e adultos não é garantia de que esse educando vai efetivamente se engajar nos processos de escolarização, porém, a falta de motivação, certamente incidirá numa educação apenas aspirante, sem avanços e correndo o risco do abandono.

Segundo OLIVEIRA (1999, p.59), o adulto da Educação de Jovens e Adultos não é o estudante universitário, mas o profissional qualificado que frequentou curso de formação continuada ou especialização:

(...) Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta então sistemática, após experiência no trabalho rural na infância na adolescência, que busca a escola tardia para alfabetizar-se ou cursar algumas séries de ensino supletivo.

Desse modo, para que haja uma ação pedagógica em consonância com a vida dessas pessoas, é imprescindível conhecer a história de vida de cada um deles. Conhecer o perfil do aluno da EJA, a partir do seu contexto sócio econômico cultural é o que vai permitir constituir um dos princípios da organização do projeto pedagógico dos estabelecimentos, ofertando oportunidades educacionais apropriadas por considerar as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho (BRASIL, LDB, Artigo 37).

Desenvolvemos uma aula baseada nos métodos freireanos, onde os educandos da EJA tiveram a oportunidade de trabalhar com atividades que continham interpretações de textos e elaborações de opiniões. Os educandos se mostraram bastante esforçados, não gostavam de perder tempo, eram muito dispostos a aprender. Vale ressaltar que no início desta atividade fizemos um momento de diálogo com os alunos no intuito de averiguarmos quais seus conhecimentos e opiniões em relação ao tema, para que percebêssemos em seu cotidiano esta temática.

Diante da proposição de se trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos – EJA depara-se, de pronto, com uma necessidade real de olhar para esses sujeitos de maneira diferenciada da comumente associada aos estudantes que seguem uma trajetória escolar quando crianças e adolescentes. As pessoas jovens e adultas, ao retornarem aos espaços de educação formal, carregam consigo marcas profundas de vivências constitutivas de suas dificuldades, mas também de esperanças e possibilidades, algo que não deveria ficar fora do processo de construção do saber vivenciado na escola (SILVA, 2010, p.66).

Assim sendo, o educando deixa de ser considerado um ser passivo e se transforma em um indivíduo investigador crítico que mantém diálogo com o educador. O conhecimento passa a ser socializado na medida em que as pessoas se conscientizam de que uma depende da outra para se educar, haja vista que ninguém está sozinho no mundo. Desta forma, a prática problematizadora possibilita ao educando uma compreensão de mundo não como uma algo distante de si, mas como uma realidade da qual é capaz de participar, ativamente, do seu processo de construção, de transformação.

Nesta concepção, Freire (1979) é incisivo ao especificar ainda mais a importância das vivências dos sujeitos como elementos indispensáveis ao fazer pedagógico. Saberes esses que envolvem tanto os aspectos culturais quanto profissionais do indivíduo.

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, é que os educandos [...] trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática, na prática social de que fazem parte. Sua fala, seu modo de contar, de calcular, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros (FREIRE, 1992, p. 85-86).

Em outra obra Freire (1992), ele ressalta:

Partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não ficar, permanecer. Jamais disse, como às vezes sugerem ou dizem que eu disse, que deveríamos girar embevecidos, em torno do saber dos educandos, como mariposas em volta da luz. Partir do ‘saber de experiência feito’ para superá-lo não é ficar nele. (FREIRE, 1992, p. 70-71).

Segundo Freire, tanto a teoria educativa quanto a prática educativa são inseparáveis e, esta última, não acontece por acaso, mas sim de acordo com o contexto histórico, social, econômico, cultural e político. Este autor chama atenção para a unidade entre teoria e prática, uma vez que, tanto poderá ser orientada no sentido da libertação como poderá ser utilizada como forma de “domesticação”.

Nesse sentido, Freire (1997) defende o diálogo entre educadores e educandos como forma de promover a superação da concepção “bancária” e estabelecer uma nova proposta pedagógica em que a aprendizagem ocorra tanto para o educador quanto para o educando. Freire (1997, p. 68) salienta que, “o educador já não é o que apenas educa,

mas que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos [...]”.

As políticas públicas apontam para a necessidade de compreender os sujeitos da EJA como trabalhadores. A LDB procura assegurar a permanência desses sujeitos na escola, afirmando ainda, em seu art. 37, parágrafo segundo, que: “o poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”. (BRASIL, 1996, p. 24).

Segundo Carvalho (2011, p. 32), ainda referente às características dos educandos desta modalidade de ensino, é imprescindível a análise da forma como estes são vistos: de forma abstrata ou estereotipada. Eles precisam ser vistos como educandos reais e que, por motivos diversos, não puderam ingressar na escola.

No atual contexto de crescente urbanização, muitos habitantes de áreas rurais migraram para as cidades, onde em geral acabam por ocupar postos de trabalho que exigem pouca qualificação. Nas grandes cidades brasileiras, encontram-se muitos educandos de EJA que percorreram essa trajetória.

Em épocas mais recentes, o perfil dos estudantes de EJA passou por um processo de rejuvenescimento, pois está absorvendo um contingente de educandos egressos do ensino regular. Com idade defasada em relação ao ano escolar, e por motivos variados, esses educandos recorrem a cursos para jovens e adultos para obter a certificação escolar.

Do ponto de vista social, os educandos de EJA representam um grupo relativamente homogêneo, apartado da escolarização regular e composto, em sua maior parte, por trabalhadores que almejam a conquista de empregos mais prestigiosos e rentáveis, assim como uma ampliação da sua visão de mundo por meio da formação escolar. Por outro lado, termos culturais compõem um grupo amplamente diversificado, reunindo pessoas que diferem entre si quanto ao lugar de origem, à faixa etária, à experiência escolar e ao tipo de trabalho que exercem, entre outros aspectos. Essa diversidade de histórias de vida promove uma quantidade enorme de conhecimentos e habilidades que marcam as turmas da EJA.

Os sujeitos da EJA diferenciam-se, tanto no que diz respeito aos ciclos de vida (juventude, maturidade, velhice), às identidades (de gênero, de geração, étnica, cultural), às suas disposições e necessidades de aprendizagem, como em relação às

representações sobre ler e escrever, os conhecimentos e as habilidades desenvolvidas ao longo de suas vidas.

De acordo com Freire (1987), a convivência com os educandos da EJA reforça a necessidade de uma prática pedagógica centrada na compreensão e no respeito à pessoa e aos saberes que a cotidianidade lhe proporciona. Os docentes da EJA que assim atuam, valorizando a trajetória sócio histórica e cultural de cada educando, podem contribuir para que os jovens e adultos não desanimem, por maiores que sejam os obstáculos encontrados no retorno ao ambiente educativo. Neste surge apropriação de conhecimentos universalmente sistematizados e é responsável, assim como coautor de sua própria aprendizagem. Contrário ao anteriormente exposto, a exclusão pode ocorrer por meio da manutenção dos educandos à margem do processo educativo.

A educação de jovens e adultos precisa valorizar os conhecimentos trazidos pelos educandos que são gerados nas suas experiências de vida no âmbito cultural que estão inseridos, para que esse processo de formação garanta a permanência dos jovens e adultos em sala de aula. Para Arroyo (2005, p.35):

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será um ponto de partida para uma pedagogia que se pautar pelo diálogo entre os saberes escolares e sociais. Esse diálogo exigirá um trato sistemático desses saberes e significados, alargando-os e propiciando o acesso aos saberes, conhecimentos, significados e a cultura acumulada pela sociedade.

Porém, o atual sistema educacional ainda apresenta uma prática educacional tradicional, onde os professores e alunos obedecem as regras e realizam tarefas preferencialmente sem questionar seus objetivos. (SILVA, 2010). Daí a importância de desenvolver concepções estruturadas na educação libertadora.

Falar da docência na EJA nos remete a posturas positivas e negativas do educador na sala de aula. Essa afirmativa surge das observações de intervenção de estágio quando nos deparamos muitas vezes com os educadores se utilizando de metodologias ou métodos, como melhor a prover, infantis para adultos. Com isso, há falhas que podemos apontar que a formação do pedagogo deixa a desejar nos cursos de formação. Organizar o material produzido em sala de aula. Essa é uma boa forma de acompanhar o desenvolvimento cognitivo, verificando progressos individuais e coletivos.

Como afirma Paulo Freire (1996), lembramos que o contexto é somente o ponto de partida para a aquisição de novos saberes, que podem até estar fora da comunidade, do bairro, do país, do continente. O saber pode ser vasto, como vasto é o mundo.

4.5 A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR DA EJA PARA PERMANÊNCIA DO EDUCANDO NA ESCOLA

Reconhecemos que o perfil do educador de jovens e adultos e a sua formação encontram-se ainda em construção. Mesmo observando que se deve fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens das pessoas que frequentam essa modalidade de ensino.

Bastiani (2011) afirma que os alunos da EJA não poderão ser tratados como crianças, pois esses discentes têm uma história de vida a ser considerada. O estudante da educação de jovens e adultos necessita de um apoio diferenciado devido ao longo tempo afastado do ambiente escolar, a idade, o cansaço, a dificuldade de entender o conteúdo, entre outros. O educador vai se deparar com um público diferenciado que pretende recuperar o “tempo perdido”, porém, diante de qualquer dificuldade no aprendizado desiste de frequentar a escola.

Os desafios enfrentados pelos educadores são vários, desde a falta de capacitação para trabalhar com esse público da EJA, ao material didático inadequado, que são em sua maioria infantilizada. A falta de estímulos dos próprios discentes. Contudo, o docente precisa estar preparado e atento para assim sanar os problemas enfrentados, dar continuidade às aulas, incentivando os educandos a retomar os estudos, qualificar-se para o trabalho, exercer papel na vida social e ter reconhecimento da família.

De acordo com Dantas (2012), a formação de profissionais para atuar na educação de jovens e adultos deve atentar para a diversidade da clientela formada por jovens e adultos com diversos interesses, observando as suas demandas, peculiaridades, diferenças culturais, experiências de vida, percursos históricos, saberes, características específicas, considerando-os como sujeitos históricos e atores sociais. Para este autor, a educação de jovens e adultos é marginalizada ou colocada em segundo plano no currículo dos cursos de Pedagogia e nas licenciaturas de formação de educadores para

as diversas áreas de conhecimento, provocando uma grande lacuna na formação inicial de educadores que poderão atuar na modalidade da EJA.

O fortalecimento da autoestima dos educandos da EJA deve ser outra meta dos educadores de jovens e adultos. Deve apoiar-se na formação de sujeitos críticos, capazes de empregar critérios e métodos determinados em sua leitura do mundo e em sua ação sobre ele.

Conforme Santos (2013), a nova grade curricular implantada em 2009, não fornece elementos suficientes para uma prática desejável em salas de educação de Jovens e Adultos, pois não possui uma estrutura adequada para atuar com seus discentes. Com isso, o educador precisa estar pronto a atender as carências do educando e fortalecer um laço de amizade e companheirismo na sala da EJA, conhecer os educandos e saber deles os seus anseios de estarem de volta à sala de aula, buscando ajudar a possibilitar o acesso e a permanência na escola.

O contexto atual da educação sobre a escola é preparar e proporcionar um ensino de qualidade, respeitando as diferenças e a individualidade da comunidade escolar, fazendo com que o discente se torne cada vez mais um ser crítico e consciente da necessidade de melhorar seus conhecimentos e sua capacidade intelectual.

Os jovens e adultos não encontram na escola apenas um espaço de educação formal, mas também de socialização. A escola deve incorporar essa atribuição a seu propósito educativo, por meio do planejamento de atividades de cultura e lazer que promovam a convivência e da articulação de projetos pedagógicos à vida comunitária.

Conforme Ferreira (2014), o educador da EJA precisa trilhar um caminho que motive os estudantes a gostar de estudar o conteúdo de matemática na sala de jovens e adultos, pois requer um esforço pessoal para propiciar a aprendizagem. O indivíduo, nessa etapa da vida, acumula variadas experiências, aprende com os próprios erros. Dessa forma, conhecer os caminhos que possam propiciar essa aprendizagem para os jovens adultos não é garantia de que esses educandos irão efetivamente se engajar no processo de escolarização, porém, o desconhecimento de como ocorre esse processo, certamente, incidirá numa educação apenas aspirante, revendo o tempo perdido.

Tal afirmação recai sobre a questão da formação de educadores para EJA, ou seja, até que ponto os cursos têm preparado seus futuros profissionais para considerar o saber e adequar esses conhecimentos, adaptando-os aos novos e necessários saberes? A formação do educador de jovens e adultos necessita ser repensada, tanto do ponto de vista político, quanto educacional, em relação à própria formação do educador de EJA.

Arroyo (2006, p.02) reconhece que: “o perfil do educador de jovens e adultos e sua formação encontra-se ainda em construção”. Mesmo reconhecendo que se deve fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens das pessoas do ensino fundamental, não há nestas diretrizes curriculares destinadas ao curso de pedagogia uma descrição do perfil esperado de um educador da educação de Jovens e adultos.

Essa indefinição do papel do educador abre possibilidade de, no curso, investir-se muito mais na formação de educadores para séries iniciais do ensino fundamental, tendo como foco as idades da infância e da adolescência, sem a devida atenção aos que procuram a escola em outras fases da vida.

Arroyo (2006) aponta ainda que a ausência de formação para os educadores da EJA decorre de uma falta de definição clara da própria concepção de EJA, visto que, ainda é uma área em permanente construção.

Essa indefinição acerca da Educação de Jovens e Adultos, novamente vista por Arroyo (2006), ocorre devido às próprias características da EJA que foi constituída às margens da opção da educação brasileira. Historicamente, a EJA se desenvolveu no interior dos movimentos sociais, sindicatos, igrejas, ONG's e instituições voluntariadas, ou seja, às margens do sistema formal escolar. Segundo Arroyo (2006), como consequência, isso gerou a falta de políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos, além de carência de Centros de Formação do Educador da EJA.

Portanto, uma educação comprometida com a inclusão social e com a transformação da sociedade precisa se fazer problematizadora, libertadora e emancipatória, isto repercute diretamente no papel dos educadores frente ao desenvolvimento e readaptação dos educandos no ambiente escolar. É preciso levar o indivíduo a perceber seu papel no mundo e revelar o universo de conhecimentos e possibilidades que a educação propõe, contribuindo assim com a permanência dos educandos e diminuindo as taxas de analfabetismo no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um desafio que precisa ser enfrentado em qualquer proposta da EJA, sobretudo reconhecendo o direito à especificidade que esta modalidade de ensino tem. Onde isto tem ocorrido, as experiências são exitosas e vêm buscando sistematizar os ganhos evidenciados numa modalidade que pouco a pouco vai se distanciando do modelo padrão da escola diurna, como ponto de referência, ao mesmo tempo em que aponta para referências próprias: em relação ao horário de funcionamento das aulas.

A conclusão é que, existe um dilema que a Educação de Jovens e Adultos carrega consigo: o de pretender dar garantias de um direito que foi negado a estes educandos que é a escolarização básica, mas ao mesmo tempo levantar uma grande expectativa nos educandos que frequentam os cursos quanto às mudanças que ele espera no seu cotidiano, principalmente na sua realidade profissional, quando isto não depende apenas da escola. Há ganhos para quem está vivenciando a experiência de voltar para a escola depois de adulto, mas há também decepções por esta escola não corresponder a tudo o que se espera dela. Por outro lado, há na trajetória histórica da EJA um desvio nos seus objetivos maiores, quando esta passa a ser uma simples repassadora de certificados de conclusão de níveis de ensino.

A profissão do professor está situada exatamente entre o conhecimento sistematizado, que a escola oferece, e as especificidades do aluno EJA, que apresenta necessidades e expectativas de mudança e melhoria de vida através do estudo. Portanto, desenvolve-se nessa ponte representada na mediação entre o saber sistematizado e o saber cotidiano, comum, cultural dos sujeitos. Entre o ensino e a aprendizagem.

Conforme (FREIRE, 2009, p. 33), a política da EJA deve representar uma promessa de qualificação de vida para todos, de todas as idades, na qual adolescentes, jovens, adultos e idosos possam atualizar seus conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas culturas.

Conhecemos um pouco da realidade dos educandos da EJA e suas dificuldades, pois estão lutando para superar suas condições precárias de vida, conseguir um trabalho melhor, a fim de melhorar sua renda e realizar sonhos que ficaram para trás, poder não só ter um diploma, mas também adquirir conhecimento para poder lutar pelos seus direitos. No entanto, a educação desenvolvida tem pouca articulação com a formação de consciência crítica e política dos educandos, as propostas de educação problematizadora

não são utilizadas, o que vemos é um método tradicional de ensino focado na mecanização do ensino com o único objetivo de ensinar a ler e escrever. Na realidade existe um grande abismo entre a atuação do professor com a formação política do sujeito. Porém, fica claro o comprometimento da professora em manter um ambiente saudável, harmônico e de troca de conhecimentos, mas pouco relacionados com o ser cidadão.

A EJA é uma modalidade de ensino que, atualmente, vem ganhando espaço em estudos e pesquisas, precisando ser entendida em sua totalidade para, então, ajudar no processo da educação nacional. Tida como um direito de todos, essa educação assegura aos educandos, que não terminaram na época correta, que tenham uma nova chance de recuperar o tempo perdido e, assim, terminar seus estudos.

Desejar na permanência dos alunos da EJA talvez seja o maior desafio, pois muito se fala em evasão e se esquece da lembrança de manter este aluno em sala de aula, além de mostrar a importância dele estar ali, garantir a construção da sua cidadania, uma esperança de dias melhores. Percebemos que há vários fatores que contribuem na permanência do aluno da EJA na escola, o trabalho, aprender a ler e escrever, adquirir mais conhecimentos, dificuldades em conversar com outras pessoas e até mesmo em receber o diploma, mas, a professora possui uma significativa importância para essa permanência. Através de sua paciência, atenção e amor, ela cativa os alunos e os ajuda a continuar estudando. Essa presença e incentivo são necessários para diminuir a evasão escolar e promover um ensino de qualidade.

Por fim, tivemos a convicção que foi de suma importância conhecer de perto a realidade da EJA, seus sujeitos e suas especificidades. Encanta-nos saber que são pessoas sedentas de conhecimento, mas, que exigem tão pouco. No fundo querem ser aceitos, acolhidos, querem carinho e atenção. Encontram na educação uma forma de afirmação social. Estabelecem vínculos emocionais com a “tão amada” professora, fazendo de tudo para demonstrar o quanto gostam dela do jeito que é e com as limitações de um ensino simples e sem grandes recursos. (Grifo nosso).

Foi possível perceber, no decorrer das observações na escola, que a professora procurava trabalhar utilizando o quadro, cópias de material didático a serem desenvolvidas na hora da aula e buscava dar exemplos das experiências vividas do aluno. Compreendemos que a prática educacional adotada pela docente resgata não só o interesse ao regresso desses alunos à escola, mas desenvolve o brilho no olhar e a autoestima perdida há muito tempo. Contudo, ainda há desafios a serem enfrentados para tornar a EJA uma educação que não seja uma mera utopia, mas uma educação ao longo da vida.

A prática empírica enriqueceu os conhecimentos e nos fez perceber as carências de ensino na escola pública. Vimos o quanto é difícil administrar uma sala de aula de EJA, acompanhar os diferentes níveis de aprendizagem, diferenciando o atendimento para quem ainda não sabe sequer ler; percebemos as manobras da professora para fazer tudo funcionar, com a intenção de ajudar os educandos a compreenderem os conteúdos, enfim, uma verdadeira artista, que com seu pincel, vai desenhando e colorindo a vida tão sofrida de seus alunos.

Portanto, os educadores da EJA necessitam com urgência refletir sobre suas práticas na tentativa de despertar o desejo de mudança, de evolução e de efetividade. A formação inicial e continuada na EJA torna-se importante no sentido de trazer ao educador dessa modalidade conhecimentos do campo específico que possibilitarão a construção de uma consciência crítica não somente em relação aos conteúdos que irão transmitir, mas, sobretudo, na formação do pensamento consciente e reflexivo que irão promover aos educandos, contribuindo assim, para uma aprendizagem significativa.

A qualidade da formação docente é determinante para sucesso da Educação de Jovens e Adultos, bem como, para a diminuição da evasão escolar. É preciso estar preparado para entender a complexidade e as especificidades do processo de ensinar e aprender dos jovens e adultos, considerando e respeitando suas diferenças e necessidades. Nesse sentido, Carvalho (2011, p. 95) aponta:

[...] é necessário que os (as) educadores (as), em especial, os (as) da educação de jovens e adultos, adquiram certas competências exigidas na sua formação profissional como: desenvolver uma sólida cultura geral; dominar e exercer a profissão de educador; conhecer disciplinas a ensinar e as didáticas; refletir sua prática; inovar; auto afirmar-se; considerar a diversidade dos (as) educandos (as).

Na perspectiva da Educação Popular, desenvolvida por Freire (1987), as práticas educativas devem atender às expectativas e carências dos educandos, fortalecendo laços afetivos através do diálogo, da amizade e do companheirismo na sala de aula. É preciso conhecer os educandos, seus saberes, anseios de estarem de volta à sala de aula, suas necessidades e seus sonhos.

A utilização do lúdico na educação de jovens e adultos estimula os alunos a uma participação ativa na prática escolar, envolvendo-os em trabalhos bem elaborados e tornando-os independentes para perceberem seus potenciais, enquanto agentes participativos.

A educação de jovens e adultos não se limita às técnicas de alfabetização, mas procura levá-los a entender o mundo e as relações sociais, políticas e culturais que são estabelecidas na sociedade. A educação deve possibilitar a inclusão social e a formação crítica dos educandos, fazendo-os compreender seus direitos de cidadania.

A proposta freireana de educação é muito mais que uma proposta sistematizada de alfabetização, busca na sua essência promover uma educação consciente do indivíduo, tornando-o cidadão, capaz de construir sua própria história. Na verdade, percebemos que a intenção de Paulo Freire é promover uma transformação do ser, gerando uma grande mudança cultural. Ele como autor, sem ficar na dependência de pessoas, que por vezes, tornam-se autoritários disfarçados. A promoção de toda essa mudança, necessariamente, deve ser feita pelos oprimidos, sendo assim, devem sempre ser o centro desse processo de transformação.

REFERÊNCIAS

ANDIFES. **Perfil sócio econômico e cultural dos alunos de graduação das instituições federais de ensino superior.** Disponível em http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/Biblioteca_006_Perfil_IFES.pdf. Acesso em 29 de maio de 2013.

1

ARROYO, Miguel. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos.** In: SOARES, Leôncio (org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, Secad, MEC, UNESCO, 2006, P. 17-32.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire.** 11 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos.** In: Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea 1996-2004, Brasília: MEC/UNESCO, 2004, pp. 41-42.

_____. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos:** satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, 1990. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2014.

_____. **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos.** V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, Hamburgo, 1997. Disponível em: http://www.paulofreire.org/wpcontent/uploads/2012/CamEja/declaracao_hamburgo1997.pdf. Acesso em 17 de julho de 2014.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.** Conselho Nacional de Educação: conselho pleno. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cnerquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acessado em 01 de março de 2014.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos.** Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cnerquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2014.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Conselho Nacional da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de

Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Ministério da Educação. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. 2000. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Ministério da Educação. PARECER CNE/CEB 11/2000. Publicado no Diário Oficial da União de 9/6/2000, Seção 1e, p. 15. Brasília: MEC, SEB, DIECI, 2000.

_____. **Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Resolução CNE/CEB nº 1/2000 e CNE/CEB nº 23/2008. Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEB, DIECI, 2008. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12743:ceb-2008&catid=323:orgaos-vinculados. Acesso em 01 de agosto de 2014.

_____. **PROEJA**: Documento-Base. Conselho Nacional de Educação. Brasília, Ministério da Educação, 2007.

_____. UNESCO. **CONFITEA VI**: Marco de Ação de Belém. Brasília, 2009. Disponível em:
http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/miolo_Marco_Belém_port.PDF. Acesso: 06 de junho de 2014.

_____. UNESCO. **CONFITEA VI**: Vivendo e aprendendo para um futuro viável: o poder da aprendizagem e da educação de adultos. Belém, 2009. Disponível em:
<http://www.unesco.org/pt/confinteavi/confinteavi/objectives/> Acesso em: 10 de junho de 2014.

_____. UNESCO. **Educação para todos**: o compromisso de DAKAR. Brasília: UNESCO., CONSED, Ação Educativa. 2001. Disponível em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127509porb.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2014.

_____. UNESCO. Ministério da Educação. **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos**. In: PAIVA, Jane Paiva; MACHADO, Maria Margarida ;IRELAND, Timothy (Org.). Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea – 1996-2004. Brasília: MEC, 2004.

_____. UNESCO. **11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos**. 2013/14. Disponível em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>
Acesso em 20 de fevereiro de 2014.

DESMARAIS, Margareth Neves. **O Método Paulo Freire e as Contribuições Políticopedagógicas para a Educação Brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Pedagogia. Instituto Superior La Salle-RJ. Niterói 2011.

2 EXAME. **7 em cada 10 universitários são da nova classe média**. Reportagem online. Disponível em <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/7-em-cada-10-universitarios-sao-da-nova-classe-media>. Acesso em 29 de maio de 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Coleção Educação e Comunicação Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____, **Educação como Prática da Liberdade**. Introdução de Francisco C. Weffort. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

_____, **Pedagogia da Autonomia**. Prefácio de Edna Castro de Oliveira. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança**. 5a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17°. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Scipione, 1989.

_____. **Paulo Freire e a educação popular**. Entrevista. FASE - Revista Trimestral de Debate. (2007). Disponível em http://www.fase.org.br/v2dminnexoscervo/1_gadotti.pdf acesso em 31 de maio de 2013.

GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos A. (Orgs.). **Educação Popular: utopia latino-americana**. São Paulo: Cortez. Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 23-49 / 147-164 / 249-270.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 3. Ed. São Paulo: Ed. Atlas, S.A., 1991.

HORIGUTI, Angela Curcio. **Do MOBREAL ao PROEJA: conhecendo e compreendendo as propostas pedagógicas**. Trabalho de conclusão (Especialização) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://bento.ifrs.edu.br/site/midiasrquivos/201051103752984angela_curcio_horiguti%E2%80%A6.pdf. Acesso em 10 de 06 de 2014.

KUENZER, A. Z. **O ensino médio agora é para vida:** entre o pretendido, o dito e o feito. v. 21, n.70, Ed. Soc, 2000, p. 15-39.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7º ed. Atlas, São Paulo, 2010.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

SOARES, Leôncio. **Avanços e Desafios na Formação do Educador de Jovens e Adultos.** In: MACHADO, Maria Margarida (org). Formação de Educadores de Jovens e Adultos. Brasília: Secad / MEC, UNESCO, 2008, P.57-71
3

SILVA, Jerry Adriani. **Um estudo sobre as especificidades dos educandos nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos - EJA:** tudo junto e misturado. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **O memorial no espaço da formação acadêmica:** (re)construção do vivido e da identidade construção do vivido e da identidade. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 2, 601-624, jul./dez. 2010. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagdb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQU I20121016140628.pdf. Acesso em: 01 de agosto de 2014.

APÊNDICES

SUMÁRIO APÊNDICE

APÊNDICE A	ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	84
APÊNDICE B	QUADRO DE RESPOSTAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DOS SUJEITOS DA PESQUISA	85
APÊNDICE C	ESQUEMA DE AULA 1	88
APÊNDICE D	ESQUEMA DE AULA 2	90
APÊNDICE E	QUADRO DE RESPOSTAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DOS ALUNOS DA EJA EM GERAL	91
APÊNDICE F	QUESTIONÁRIO PARA ALUNO DA EJA	95

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PROJETO: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PARA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO
DOCENTE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA VIDA DOS/AS EDUCANDOS/AS**

ORIENTANDAS: MARIA LIOSA F. SOBREIRA

TAMARA ALINE DE S. COSTA

ORIENTADORA: Ma. Fernanda Mendes C. A. Coelho

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Você gosta de estudar e de frequentar a escola?
2. O espaço da escola oferece um bom aprendizado? Qual disciplina você gosta mais?
3. Você já frequentou outra escola? Se já me conte sua experiência.
4. Qual motivo de não ter dado continuidade aos estudos?
5. O que levou você a voltar a estudar?
6. O que faz você permanecer na escola hoje?
7. Você percebe problemas na forma de ensino utilizada na EJA, o que falta?
8. Você pretende terminar os ciclos da EJA?

9. Você percebe alguma contribuição da professora na sua permanência na EJA?

10. Quais os desafios e benefícios da EJA para sua vida?

APÊNDICE B – QUADRO DE RESPOSTAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DOS SUJEITOS DA PESQUISA.

QUESTIONAMENTOS	SUJEITOS
Você gosta de estudar e de frequentar a escola?	Aluno José – “Sim. Porque é bom pra gente, para o trabalho, aprender mais”. Aluno Ângela – “Sim. Porque é importante”. Aluno Rodrigo - “Sim”. Aluno Leandro – “Sim, para ter um salário melhor” Aluno Maria – “Sim. A EJA é uma mãe”.
2.O espaço da escola oferece um bom aprendizado? Qual disciplina você gosta mais?	Aluno José – “Sim. Gosto de matemática”. Aluno Ângela – “Sim”. Não respondeu. Aluno Rodrigo – “Sim”. Não respondeu. Aluno Leandro – “Sim. Gosto de Português” Aluno Maria – “Sim. Prefiro a Matemática”.
3.Você já frequentou outra escola?	Aluno José – “Sim. Quando eu era mais novo”. Aluno Ângela – “Sim. Achava mais fácil antes ir pra escola, casei tudo se complicou pra mim, o marido e os filhos e tudo mais”. Aluno Rodrigo – “Sim, eu tinha que trabalhar então... não dava, tinha que ajudar nas coisas” Aluno Leandro – “Sim, quando a gente é mais novo não pensa no futuro, aí se complica depois, né”? Aluno Maria – “Sim, a gente que é mulher casa, tem

	filhos, cuidar da casa ai mulher não dar de verdade pra ir pra escola”.
4. Qual motivo de não ter dado continuidade aos estudos?	<p>Aluno José – “Eu não sei explicar”.</p> <p>Aluno Ângela – “Acho que as professoras não gostavam de mim”.</p> <p>Aluno Rodrigo – “Devido o trabalho ficava cansado e desistia”.</p> <p>Aluno Leandro – “Minha mãe não podia levar e problema financeiro”.</p> <p>Aluno Maria – “Gostava de namorar e passear”</p>
5. O que levou você a voltar a estudar?	<p>Aluno José – “Futuro dos filhos, eles necessita tirar a carteira de motorista.”</p> <p>Aluno Ângela – “Eu gosto da EJA”</p> <p>Aluno Rodrigo– “Insistência dos avós”</p> <p>Aluno Leandro – “Pela idade que tem”</p> <p>Aluno Maria – “Porque minhas amigas já terminaram e eu não”.</p>
O que faz você permanecer na escola hoje?	<p>Aluno José – “Gostar muito da professora da EJA”.</p> <p>Aluno Ângela – “A professora dar muito conselho a gente”.</p> <p>Aluno Rodrigo–“Pensar no futuro”.</p> <p>Aluno Leandro – “A escola da EJA faz a gente</p>

	<p>refletir...é muito boa essa escola”.</p> <p>Aluno Maria – “A professora é muito boa.”.</p>
Você percebe problemas na forma de ensino utilizada na EJA, o que falta?	<p>Aluno José – “O que sinto falta aqui é de um livro”.</p> <p>Aluno Ângela– Não respondeu.</p> <p>Aluno Rodrigo– É desinteressado. Não se interessa por nada.</p> <p>Aluno Leandro – “Precisa de um livro de português pra gente não copiar do quadro”.</p> <p>Aluno Maria – “Ter aula à tarde seria melhor”.</p>
Você pretende terminar os ciclos da EJA?	<p>Aluno José – Sim.</p> <p>Aluno Ângela – Sim</p> <p>Aluno Rodrigo - Sim</p> <p>Aluno Leandro – Sim</p> <p>Aluno Maria – Sim</p> <p>Aluno 6 – Sim</p>
9.Você percebe alguma contribuição da professora na sua permanência na EJA?	<p>Aluno José – “Sim. Ela sempre fala pra gente não desistir”.</p> <p>Aluno Ângela – “Sim. A professora dar muito conselho a gente”.</p> <p>Aluno Rodrigo– Não respondeu</p> <p>Aluno Leandro – “Sim. ”Gosto muito da aula de português”.</p> <p>Aluno Maria – “Sim. ”A professora é muito boazinha”</p>
10. Quais os desafios e benefícios da	<p>Aluno José – “Se preocupa com o futuro dele e da</p>

EJA para sua vida?	<p>família”.</p> <p>Aluno Ângela – “Aprender a Gostar de Matemática e terminar os ciclos da EJA”.</p> <p>Aluno Rodrigo – “Pensa no futuro”.</p> <p>Aluno Leandro – “Devido a idade e terminar os ciclos da EJA”.</p>
--------------------	--

APÊNDICE C – ESQUEMA DE AULA 1

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Educação

Departamento de Metodologia da Educação

Área de aprofundamento: Educação de Jovens e Adultos - EJA

ESQUEMA DE AULA “PROPOSTA PAULO FREIRE”

ESCOLA: Frei Albino

SERIE: Ciclo I

Iº MOMENTO: Fazer um levantamento do Universo vocabular do educando, valorizando o seu cotidiano.

IIº MOMENTO: Palavra geradora → Propicia → ao debate oral; Ex: **FAMILIA**.

IIIº MOMENTO: Apresentação da palavra escrita.

IVº MOMENTO: Analisar as palavras em suas partes, a silabação → Ex: **FA-MI-LI-A**

Vº MOMENTO: Apresentar um quadro com as famílias silábicas.

Ex: FA-FE-FI-FO-FU

MA-ME-MI-MO-MU

LA-LE-LI-LO-LU

A-E-I-O-U

ATIVIDADE.

VIº MOMENTO: Formação de novas palavras com as famílias silábicas conhecidas anteriormente. Trabalhar várias palavras.

FA-FE-FI-FO-FU

MA-ME-MI-MO-MU

LA-LE-LI-LO-LU

A-E-I-O-U

Objetivo: Trabalhar e estimular a leitura e escrita silabas do alfabeto.

APÊNDICE D – ESQUEMA DE AULA 2

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Educação

Departamento de Metodologia da Educação

Área de aprofundamento: Educação de Jovens e Adultos - EJA

Estágio Supervisionado em EJA

ESQUEMA DE AULA

PLANO DE AULA

“PROPOSTA PAULO FREIRE”

Justificativa:

Fazer com que os alunos tenham o conhecimento diversificado sobre a música e os elementos que a ela estão associados. Valorizar os conhecimentos que os alunos trazem para sala de aula e suas expressões de opiniões e ideias.

Objetivos:

Conhecer os tipos de pautas: escrita e sonora.

- ✓ Fazer a interpretação na letra da música
- ✓ Provocar o aluno a pensar, raciocinar e construir pensamentos críticos
- ✓ Identificar a língua escrita e falada de acordo com o sistema alfabético.
- ✓ Conhecer a letra da música, ler, cantar e ouvir.

Habilidades e competências:

- ✓ Leitura, trinar, sensibilizar, compreender, discutir, debater, produzir, destacar a importância, interpretar, domínio de leitura, desenvoltura no ato de ler e escrever.

APÊNDICE E – QUADRO DE RESPOSTAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DOS ALUNOS DA EJA EM GERAL.

QUESTIONAMENTOS PARA OS ALUNOS	ESCOLA 1 (10 ALUNOS)	ESCOLA 2 (7 ALUNOS)
<p>Porque você está nesse curso de EJA?</p>	<p>Aluno 1 – “Porque eu quero ser alguém, porque se você não tei estudo, você não tei não.</p> <p>Aluno 2 – Não respondeu</p> <p>Aluno 3 -Não respondeu</p> <p>Aluno 4 – Não respondeu</p> <p>Aluno 5 – Não respondeu</p> <p>Aluno 6 – Não respondeu</p> <p>Aluno 7 – Não respondeu</p> <p>Aluno 8 – “Porque eu quero aprender mais ler e escrever.”</p> <p>Aluno 9 – Não respondeu</p> <p>Aluno 10 – Não respondeu</p>	<p>Aluno 1 – “Para aprender mais.”</p> <p>Aluno 2 – “ aprender mais.”</p> <p>Aluno 3 – “Para que eu possa ter conhecimento melhor.”</p> <p>Aluno 4 – “ Porque quer aprender a ler e escrever.”</p> <p>Aluno 5 – “Para aprender.”</p> <p>Aluno 6 – “Porque eu não tenho muito tempo e tenho um filho.”</p> <p>Aluno 7 – “para aprender a ler e escrever.”</p>
<p>Você se sente acolhido pela escola?</p>	<p>Aluno 1 – Sim</p> <p>Aluno 2 – Sim</p> <p>Aluno 3 - Sim</p> <p>Aluno 4 – Sim</p> <p>Aluno 5 – Sim</p> <p>Aluno 6 – Sim</p> <p>Aluno 7 – Sim</p> <p>Aluno 8 – Sim</p> <p>Aluno 9 – Sim</p> <p>Aluno 10 – Sim</p>	<p>Aluno 1 – Sim</p> <p>Aluno 2 – Sim</p> <p>Aluno 3 - Sim</p> <p>Aluno 4 – Sim</p> <p>Aluno 5 – Sim</p> <p>Aluno 6 – Sim</p> <p>Aluno 7 – Sim. “por que tem boas professoras.”</p>

<p>Os assuntos que você vê na escola te ajudam no dia a dia fora da escola?</p>	<p>Aluno 1 – Sim Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Sim Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Sim Aluno 6 – Sim Aluno 7 – Sim Aluno 8 – Sim. “ eu não sabia pega ônibus agora eu sei pelo os números.” Aluno 9 – Sim Aluno 10 - Sim</p>	<p>Aluno 1 – Sim Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Sim Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Sim Aluno 6 – Sim Aluno 7 – Sim. “O que eu aprendo eu vejo a rua.”</p>
<p>Você acha que os conteúdos que são vistos na escola deveriam ser colocados de forma diferente?</p>	<p>Aluno 1 – Não Aluno 2 – Não assinalou Aluno 3 - Não Aluno 4 – Não Aluno 5 – Não Aluno 6 – Não Aluno 7 – Não Aluno 8 – Sim. “porque e pra escrever mais pra gente a prender a escrita.” Aluno 9 – Não Aluno 10 – Não</p>	<p>Aluno 1 – Não Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Não Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Sim Aluno 6 – Não Aluno 7 – Sim</p>
<p>O que você recebe de informações na escola te ajuda a se reconhecer como cidadão ciente dos seus direitos e deveres?</p>	<p>Aluno 1 – Sim Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Sim Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Sim</p>	<p>Aluno 1 – Sim Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Sim Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Sim</p>

	<p>Aluno 6 – Sim</p> <p>Aluno 7 – Sim</p> <p>Aluno 8 – Sim. “ajuda agente a ter respeito.”</p> <p>Aluno 9 – Sim</p> <p>Aluno 10 - Sim</p>	<p>Aluno 6 – Sim</p> <p>Aluno 7 – Sim</p>
<p>A relação professor – aluno, aluno – professor é agradável?</p>	<p>Aluno 1 – Sim</p> <p>Aluno 2 – Sim</p> <p>Aluno 3 - Sim</p> <p>Aluno 4 – Sim</p> <p>Aluno 5 – Sim</p> <p>Aluno 6 – Sim</p> <p>Aluno 7 – Sim</p> <p>Aluno 8 – Sim. A minha professora e muito boa.”</p> <p>Aluno 9 – Sim</p> <p>Aluno 10 - Sim</p>	<p>Aluno 1 – Sim</p> <p>Aluno 2 – Sim</p> <p>Aluno 3 - Sim</p> <p>Aluno 4 – Sim</p> <p>Aluno 5 – Sim</p> <p>Aluno 6 – Sim</p> <p>Aluno 7 – Sim</p>
<p>Você participa das demais atividades da escola e de todos os espaços da escola?</p>	<p>Aluno 1 – Sim</p> <p>Aluno 2 – Não</p> <p>Aluno 3 - Sim</p> <p>Aluno 4 – Não</p> <p>Aluno 5 – Sim</p> <p>Aluno 6 – Não</p> <p>Aluno 7 – Não</p> <p>Aluno 8 – Sim. “eu vou para o recreio.”</p> <p>Aluno 9 – Sim</p>	<p>Aluno 1 – Sim</p> <p>Aluno 2 – Sim</p> <p>Aluno 3 - Sim</p> <p>Aluno 4 – Sim</p> <p>Aluno 5 – Sim. “Por enquanto não.”</p> <p>Aluno 6 – Não</p> <p>Aluno 7 – Sim</p>

	Aluno 10 - Sim	
Você está satisfeito com o curso e com a escola?	Aluno 1 – Sim Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Sim Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Sim Aluno 6 – Sim Aluno 7 – Sim Aluno 8 – Sim Aluno 9 – Sim Aluno 10 - Sim	Aluno 1 – Sim Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Sim Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Não Aluno 6 – Sim Aluno 7 – Sim
Você considera que este curso vem trazendo benefícios para sua vida, e você sente que está se desenvolvendo?	Aluno 1 – Sim Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Sim Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Não Aluno 6 – Sim Aluno 7 – Sim Aluno 8 – Sim. “porque eu estou lendo muito e escrevendo melhor.” Aluno 9 – Aluno 10 -	Aluno 1 – Sim Aluno 2 – Sim Aluno 3 - Sim Aluno 4 – Sim Aluno 5 – Sim Aluno 6 – Sim Aluno 7 – Sim

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO COM PERGUNTA ABERTAS E FECHADAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

QUESTIONÁRIO PARA ALUNO DA EJA

Dados Gerais:

Nome: _____

Idade: _____

Residência: _____

Trabalha: () SIM () NÃO Quantas horas por dia? _____

Estado Civil: _____ Quantos Filhos? _____

ENTREVISTA - 1ª PARTE

1 O que o levou a procurar esta escola?

2 Está mais acessível o processo ensino-aprendizagem?

3 Como é sua vivência nessa turma?

4 Pretende terminar o curso? () SIM () NÃO. Até onde pretende estudar?

5 Quais seus Objetivos:

Pessoal: _____

Social: _____

Questionário Para o Aluno da EJA – 2ª Parte

AFETIVIDADE

6 Costuma estudar em grupo? () SIM () NÃO. Com quem?

7 Como você considera a participação da professora na escola?

8 Considera importante ter um bom relacionamento com a professora?

() SIM () NÃO. Por que?

9 Considera que ter um bom relacionamento com a professora melhora a sua aprendizagem? () SIM () NÃO

10 Tem um bom relacionamento com seus colegas? () SIM () NÃO. Comente:

11 Considera que este relacionamento pode auxiliar na sua aprendizagem?

NÃO() SIM ()

Como?

ANEXOS



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Metodologia da Educação (DME)
Área de Aprofundamento: Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Disciplina: Estágio Supervisionado V.
Professora: Quezia Vila Flor Furtado

À Direção da Escola Municipal Frei Albino

Em 27/08/14

O Curso de Pedagogia da UFPB tem como uma das Áreas de Aprofundamento para conclusão do Curso, a EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Assim sendo, os alunos e alunas que fizerem opção por esta área, precisam focar seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) nessa modalidade de ensino.

Por esta razão, vimos lhe consultar sobre a possibilidade de acolher os alunos

Maria Luísa F. Sobrinho e
Tamara Adina S. Costa

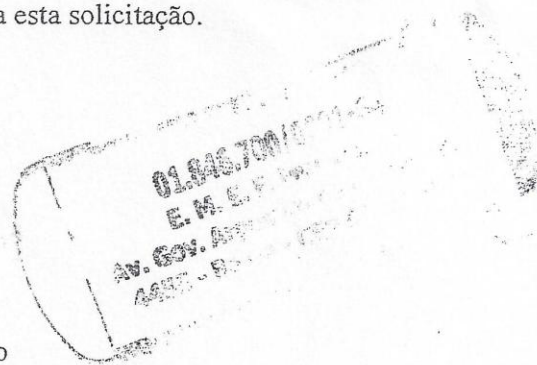
que optaram por trabalhar com o tema EJA,
junto aos alunos/as dessa escola.

Colocamo-nos à disposição para quaisquer outros esclarecimentos sobre esta atividade. Agradecemos por sua atenção e aguardamos seu retorno quanto a esta solicitação.

Atenciosamente,

Profª Quezia Vila Flor Furtado
Mat. Siape 1813891

e-mail: queziaflor@yahoo.com.br
Tel: 3216 7446 (DME) e 88266046(cel)



Quezia
Profª M. E. F. Furtado
Diretor(a) Adjunto(a)
Mat. 07.170-0



PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES - SEDEC.
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FREI ALBINO

PROJETO
POLÍTICO PEDAGÓGICO - PPP

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; Se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes” (Paulo Freire).

JOÃO PESSOA
2012

recebido
20/01/12
em
27/08/12

Nesse enfoque, as razões de ordem emocional e afetiva ganham um colorido permanente quanto ao entendimento da relação escola-família e da ocorrência do fracasso escolar. A figura do psicopedagogo – como especialista sempre munido de conhecimento e técnicas de investigação do psiquismo – ganha espaço de atuação nas escolas. Esse novo personagem, instalado na cena escolar, pode entrar, com permissão do seu arcabouço teórico, na intimidade de cada família e extrair dela dados que justifiquem o “bom” desempenho ou o “fracasso” de determinado aluno. Ganha status natural a crença de que uma “boa” dinâmica familiar é responsável pelo “bom” desempenho do aluno. As descrições centradas no plano afetivo ganham a atenção dos professores (as) que, com seu conhecimento da Psicopedagogia, levam esse discurso para dentro da sala de aula e passam, num processo naturalizado por todos, a avaliar e analisar o comportamento dos alunos.

Posto dessa forma nota-se que o enfoque sociológico aborda os determinantes ambientais e culturais presentes na relação família-escola, destacando que cabe à escola cumprir as exigências sociais, enquanto o enfoque psicopedagogo considera os **determinantes psicológicos** presentes na estrutura familiar como os grandes responsáveis pelo **desencontro** entre objetivos e valores nas duas instituições.

A partir destas colocações vê-se que a relação família-escola está permeada por um movimento de **culpabilidade** e não de **responsabilidade** compartilhada, e mais, está marcada pela existência de uma forte atenção da escola dirigida à instrumentalização dos pais para a ação educacional, por se acreditar que a participação da família é condição necessária para o sucesso escolar (Oliveira, 2002). Mas cabe, ainda, entender os fatores e razões que levam a escola e seus atores a atribuir importância fundamental a esta relação, o que pode ser feito a partir do levantamento de pesquisas científicas realizadas sobre esta temática. Portanto, é de fundamental importância a parceria entre a família e escola na perspectiva de assumirem a responsabilidade pelo o sucesso do aluno no processo ensino-aprendizagem.

3. JUSTIFICATIVA

A partir de observações e avaliação envolvendo a execução do PPP de 2011, os resultados do ano letivo, de 2011 associados ao nível do IDEB e os elementos constitutivos da elaboração das ações do PDE de 2009 a 2011 foram possíveis detectar a existência de um conjunto de fatores que estão interferindo no processo ensino-aprendizagem, ocasionando, portanto, reprovações no Ensino Fundamental I - 5%, Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 10%, e desistência no Ensino Fundamental I - 10%; e EJA – 62%.

A explicitação destes nos levou a investigar um conjunto de fatores correspondente a micro e a macro estrutura dentro de um contexto sócio-econômico, político e cultural, resultando na **construção de ações capazes** de elevar o desempenho acadêmico do(a) aluno (a) e a melhoria do processo ensino-aprendizagem, fazendo uso das estratégias de concentrar esforços nas áreas mais necessárias e envolver os pais na aprendizagem dos (as) filhos(as). Isto, na perspectiva de aumentar a taxa de aprovação dos alunos do 1º ao 5º ano nas disciplinas crítica e reduzir a taxa de abandono noturno; acompanhar mensalmente as ações pedagógicas e financeiras do Ensino Integral e promover bimestralmente eventos sócios culturais com os pais dos(as) alunos(as) para envolvê-los(as) na aprendizagem dos filhos.

- LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. – Maria da Penha

“Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências”.

Na escola e na família, tem refletido toda a violência do modelo de sociedade vigente, onde cada um é por si, havendo, portanto, violência até mesmo entre os seus entes queridos, razão pela qual foi criada a **Lei Maria da Penha**. Por isto mesmo, devemos estar atentos (as) a qualquer tipo de **violência doméstica e familiar** em nossos alunos (as), o que, faz-se necessário que incluamos este tema em nossos afazeres pedagógico, para que fiquemos atentos a violência contra mulher, nas **relações de gênero** na própria sala de aula e na comunidade escolar como um todo, pois, é a vida de seres humanos que está em Jogo.

A LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003 - altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.”

5. OBJETIVOS

5.1 GERAL

Promover a construção deste Projeto Político Pedagógico, sua execução e vivenciá-lo no espaço escolar, expressando a ideologia social-político-pedagógico do sistema de ensino, com relação ao ser Humano, enquanto espaço vital que possibilita a vivência fraterna, o exercício da cidadania, do diálogo, da busca da verdade, das decisões político-econômicas e sociais e da luta contínua do resgate dos verdadeiros valores.

5.2 ESPECÍFICO

- Oportunizar a criação de situações que favoreçam o desenvolvimento da criança e do adolescente, que estimulem os sentidos criativos, reflexivos, críticos e questionador, exaltando a prática de interação, participação, solidariedade e a convivência do sujeito na escola e na sociedade;
- Propiciar um espaço que premie um trabalho sistematizado de convivência harmoniosa, ressaltando sempre o diálogo entre educador e educando;



PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES - SEDEC
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FREI ALBINO

LEITURA E ESCRITA

JOÃO PESSOA
2012

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de leitura e escrita é uma iniciativa da equipe psicopedagógica, juntamente com os/as professores/as e gestores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Albino.

Será um estímulo à leitura e a escrita com foco nos/as alunos/as que ainda não dominam o processo de alfabetização e que estão cursando a Alfabetização, o Ciclo I, e o Ciclo II, como também será um incentivo aos alunos dos Ciclos III e IV, da Educação de Jovens e Adultos – EJA desta Escola como mediadores entre a criança, o pré-adolescente e o livro.

A expectativa é que os/as alunos/as superem suas dificuldades e logo possam incentivar a continuidade da leitura para irmãos, filhos, sobrinhos ou netos e outros, em casa, a partir de conhecimentos adquiridos na escola, como também pela troca de experiência vivenciada, além de lhe servir de suporte na execução da sua vida profissional e nas relações sociais em geral.

Dessa forma, o/a aluno/a estará fazendo uso da função social da leitura e da escrita no exercício da sua cidadania.

2. JUSTIFICATIVA

A idéia deste projeto surgiu a partir de observações feitas com o/a aluno/a em classe e de diálogos com os/as professores/as nos planejamentos pedagógicos e na reunião de avaliação do início do ano letivo de 2012, onde ficou constatado que há uma grande insatisfação dos/as professores/as em relação ao seu “fazer pedagógico” por conta das dificuldades dos/as alunos/as da EJA no processo de ensino-aprendizagem, principalmente na leitura e na escrita.

Os dados estatísticos de 2011 vieram comprovar, os altos índices de repetência e evasão, além de nos alertar para a necessidade de construirmos de forma coletiva um projeto que desse respostas concretas a este caos existente na educação da EJA na escola de Ensino fundamental Frei Albino.

Entretanto, para complementar esta ação dos/as educadores/as desta unidade de ensino, o projeto da Escola Nota 10 veio reforçar com um dos seus itens, tendo como pré-requisito a execução de um projeto que trabalhe a leitura e a escrita.

A formação de bons leitores se dá na intimidade com textos e contos diversificados, seja em revistas, jornais, cordel, gibis, livros e até na mídia, para estudo e apoio aos estudos. Para tanto, foram escolhidas ferramentas detentoras de uma linguagem acessível, envolvente e contagiante para professores e alunos.

3. OBJETIVOS

3.1. GERAL

- 3.1.1. Fomentar o gosto pela leitura, sensibilizando os/as alunos/as da importância de ler e entender o que lê para o pleno exercício da cidadania.
- 3.1.2. Construir uma proposta alternativa que venha contribuir com a melhoria do processo de alfabetização nas turmas iniciais do Ensino Fundamental, Ciclos I, II, III e IV da Educação de Jovens e Alunos - EJA.

3.2. ESPECÍFICOS:

- 3.2.1. Investigar as causas que estão dificultando o processo de alfabetização dos/as alunos/as da Alfabetização e dos CICLOS I e II;
- 3.2.2. Desenvolver no alunado dos Ciclos III e IV, hábitos de leitura para a formação de bons leitores;
- 3.2.3. Criar no aluno um projeto próprio que permita mobilizar o desejo de aprender de forma independente;
- 3.2.4. Desenvolver no aluno o prazer de ler para transformar, entender e contextualizar o mundo em que vive;
- 3.2.5. Despertar o senso crítico e analítico no meio em que vive;
- 3.2.6. Promover o gosto pela leitura mediante visitas à biblioteca e contato com livros para-didáticos;
- 3.2.7. Reescrever ou reconstruir sem perder a coerência, a mesma história na versão pessoal a partir de um texto-fonte ou com alterações solicitadas pelo professor, como a mudança de cenário, de tempo ou de narrador;
- 3.2.8. Avaliar o desempenho do projeto no decorrer da sua execução.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na operacionalidade deste projeto o papel do professor deixará de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor – para criar situações de aprendizagem cujo foco incida sobre as relações que se estabelecem nesse processo, caberá ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações. A esse respeito Valente (2000) acrescenta: "(...) no desenvolvimento do projeto o professor pode trabalhar com [os alunos] diferentes tipos de conhecimentos que estão imbricados e representados em termos de três construções: procedimentos e estratégias de resolução de problemas, conceitos disciplinares e estratégias e conceitos sobre aprender" (p. 4).

Ao trabalhar este projeto que privilegia a literatura na escola, estaremos promovendo a emancipação do saber, através dos trabalhos de produção de frases e ilustrações das mesmas, dramatização, discussão sobre os textos lidos, produção de fichamentos, interpretação através de perguntas e respostas, onde o/a aluno/a poderá também utilizar o computador para registrar e acompanhar todo o seu processo de construção e de desenvolvimento, tudo mediado pelo/a professor/a. Nisto, está representado o conhecimento em construção.

Será evitada a avaliação do rendimento da leitura por meio da literatura, o que seria contraditório aos objetivos deste projeto, torná-los primeiramente alunos e cidadãos que encontrem prazer no ato de ler e não permitir que os livros e as ferramentas da mídia sirvam de pretexto para serem, simplesmente, instrumentos de avaliação.

Como incentivo a esta leitura prazerosa cada aluno receberá livros, material didático (folhas diversas para redação e questionários, isopor, cola, emborrachados, lápis de cera, lápis de cor, cola colorida, tesouras sem pontas, apontadores, entre outros), e utilizará os computadores do setor de informática, assim como da biblioteca da escola, para a vivência do projeto em sala de aula ou fora dela.

Após a leitura e o desenvolvimento de várias atividades sugeridas, os alunos responderão questionário e desenvolverão produções textuais (poesia, recital, de produção de histórias em quadrinhos, produção de artesanato, confecção de maquetes, literatura de cordel, correio eletrônico, fórum de discussão e Chats, com base nos textos escolhidos).

Este projeto também oferecerá as seguintes atividades, considerando em especial o ritmo do desenvolvimento da aprendizagem do aluno de cada turma.

5.1. ALFABETIZAÇÃO

- Contos e pequenos textos
- Leitura pelo professor
- Discussão sobre as histórias lidas com interpretações através de perguntas e respostas
- Ilustração das histórias lidas
- Exposição dos cartazes contendo as ilustrações
- Produção textual coletiva dos alunos tendo como escriba o professor
- Ilustração da produção coletiva
- Exposição da produção coletiva

5.1.1. Os alunos que ainda não dominam completamente a escrita alfabética, é possível trabalhar a produção de textos, pois o conhecimento do sistema alfabético não é um pré-requisito para a elaboração de um texto. Definir o conteúdo que será escrito, adequá-lo a um propósito comunicativo e organizar as idéias são comportamentos escritores que não dependem da representação gráfica das palavras e que os alunos devem praticar. Uma das maneiras de trabalhar esses conteúdos é o ditado que os alunos fazem para o professor, o que torna possível para eles se perceberem capazes de escrever antes de estar alfabetizadas.

5.2. CICLO I

- Textos e contos
- Leitura pelo professor
- Discussão sobre os textos lidos com interpretações através de perguntas e respostas

- Produção individual de frases
- Seleção das frases mais completas e criativas
- Ilustração das frases selecionadas
- Exposição dos cartazes contendo as frases e sua respectiva ilustração
- Acróstico
- Palavras Cruzadas
- Gibis

5.2.1. Apesar de não produzir textos em diferentes gêneros nem ter a leitura como hábito, é possível ensinar aos alunos a produzirem bons textos. É necessário desenvolver familiaridade com o mundo dos textos e seus respectivos comportamentos leitores e escritores, trabalhando com a dupla conceitualização: experimento e problematização.

5.3. CICLO II

- Textos e contos
- Leitura pelo professor
- Discussão sobre os textos lidos com interpretações através de perguntas e respostas
- Dramatizações dos momentos marcantes das obras lidas
- Troca de idéias e vivências da época das obras lidas com situações atuais, correlacionando a cultura da época com a atual
- Produção de Artesanato
- Exposição de toda pesquisa realizada
- Ilustrações em cartazes
- Apresentação de documentários sobre os escritores das obras escritor
- Discussão sobre documentários
- Acróstico
- Palavras Cruzadas
- Gibis
- Oficinas pedagógicas para construção de textos coletivos
- Pesquisas em sites na internet
- Criação de páginas, blogs e chats na internet

5.3.1. Gibis podem ser usados em sala de aula. As histórias em quadrinhos são boas ferramentas de incentivo à leitura, seja lá qual for o nível de conhecimento e a capacidade de compreensão do leitor. A associação de textos e imagens torna o ato de ler mais atraente e os elementos gráficos (como os balões e as expressões faciais dos personagens) facilitam a compreensão da trama.